

Cia Circodança
Suzie Bianchi

MEMÓRIAS POÉTICAS DA DIVERSIDADE

giostri

Título Original
Memórias Poéticas da Diversidade
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B577m	Bianchi, Suzie Memórias Poéticas da Diversidade / Suzie Bianchi. - São Paulo: Giostri, 2021. 152 p. : il. ; 24cm x 24cm.
	ISBN: 978-65-5927-173-3
	1. Cia Circodança. 2. Acessibilidade. 3. Diversidade. I. Título.
2021-3990	CDD 791.33 CDU 791.83

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Artes : Circo 791.33
2. Artes : Circo 791.83

Editor Responsável Alex Giostri
Coordenadora Editorial Isabela Delambert
Arte de capa e diagramação André Ximene
Revisão final de texto Lucas Samuel

Textos Suzie Bianchi
Poemas Carlos Amorim
Giovanni Venturini
Ilustrações Adi Alves
Fotografias Carlos Munido Rincon, Hermínio Matias,
Jana Teófilo e Ronal Mendes
Foto Azul
João Mantovani
Nilson Akiyama Hashizumi
Paulo Barbuto
Rapphoto: Reginaldo Azevedo
Tomás Kolisch Júnior
Consultoria Editorial Ivan Soares David
Coordenação de Produção Lydia Arruda



Suzie Bianchi

Memórias Poéticas da Diversidade

1ª Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2021

- 1 - Artes
- 2 - Circo

1ª Edição
Giostri Editora LTDA.

Acesse as versões com libras
e com audiodescrição:



giostrieditora.com.br

/giostrieditora

GiostriTV

@giostrieditora

Giostri Podcast

giostrieditora.blogspot.com.br



Giostri Editora

Rua Rui Barbosa, 201
Bela Vista - SP / CEP: 01326-010
Tel.: (11) 2309.4102 / 2729.0201
contato@giostrieditora.com.br
mkt@giostrieditora.com.br

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



29 de março de 2021

Dedico este livro aos meus pais, Jenny Catricala Bianchi e Dogayr Bianchi, que, através do amor incondicional ao longo destes anos, incentivaram-me na caminhada artística e são um dos pilares da minha essência como ser humano nesta trajetória existencial aqui neste planeta.

Aos meus avós maternos, Angelina Catricala e Antônio Catricala, que entraram em um teatro, pela primeira vez em suas vidas, para assistir a um espetáculo de dança da Escola Revolution, atual Circodança Suzie Bianchi.

A recordação que tenho daquele dia é uma das lembranças mais lindas que a arte pôde me proporcionar: a emoção e a surpresa de minha avó, quando me viu saindo de uma pequena caixa de madeira (eu representava uma bailarina numa caixinha de música).

Ali já havia a semente do circo em minha alma e no meu subconsciente, porém, mal sabia eu para que caminhos a vida iria me levar.

Se hoje o afeto, o carinho e a atenção são características muito presentes na essência

da Circodança, devo isso aos meus pais. Trago inúmeras recordações deles me ajudando ao longo da trajetória da Circodança, sempre com um sorriso no rosto e torcendo pelo nosso sucesso. Dentre algumas delas: no início, quando ainda não tínhamos secretária e minha mãe era a pessoa que recebia e atendia todos os alunos da escola; do amor presente nos pequenos detalhes, como o chá de ervas-cidreira, plantada por ela, que era servido aos frequentadores da escola ou da comida preparada para que levássemos ao teatro quando a companhia ia se apresentar; das várias vezes em que meu pai me socorreu, indo buscar, às pressas, figurinos, partes de cenários, acessórios e materiais diversos que esquecíamos de levar para as apresentações.

Aos pais, alunos, funcionários, fotógrafos, produtores, professores, artistas, diretores, parceiros da Circodança, e ao SESC, pelo apoio que, ao longo dos nossos 37 anos de existência, estiveram conosco e nos ajudaram a compartilhar e construir nossa história.

Aos meus mestres, que colaboraram para a minha formação. À espiritualidade, que me inspira os caminhos a seguir.

Suzie Bianchi



Nas fotos acima: Os avós nos anos 80; a artista Suzie em apresentação no Theatro São Pedro em 2009 onde realizou a remontagem do número da caixa. / Suzie com os pais onde ela presta uma homenagem a eles em uma apresentação de final de ano no Theatro São Pedro em 2013.

A Voz Plural da Arte

As origens e as conquistas do circo e teatro são manifestações artísticas que se confundem ao longo do tempo. Tanto tempo quanto também se luta por respeito à diversidade. Há registros da existência dessas artes, e da arte de viver com as diferenças, que remontam há mais de 2.000 a.C., que foram encontrados na China, Índia, Egito e Grécia. E são muitas as analogias em suas trajetórias.

O local denominado, em latim, “Circus Maximus” foi a primeira arena para espetáculos que se encontra no conhecimento da humanidade. Trata-se de um grande espaço a céu aberto com capacidade para acomodar até 150 mil pessoas, no vale que está entre o Aventino e o Palatino, em Roma. Ali, na Antiguidade, aconteciam eventos esportivos, corridas de bigas e espetáculos de teatro e música. Nos últimos anos, shows de bandas são comuns no local.

Na noite de 18 de julho do ano de 64 d.C., um incêndio iniciado no Circo Máximo entrou para a História. O fogo avançou por toda a Roma, destruindo edifícios e matando pessoas. Há informações de que levou uma semana para ser debelado. Desse trágico fato, surgiu a expressão que se usa internacionalmente até hoje: “Ver o circo pegar fogo”.

O teatro, por sua vez, teria iniciado na Grécia antiga, em arenas redondas, com arquibancadas, e igualmente sob céu aberto. Depois, como o circo, viajou com os saltimbancos e foi apresentado em praças, feiras e portas de igrejas para, só mais tarde, se fixar em edifícios fechados e exclusivos para a dramaturgia. Já o circo, como hoje o conhecemos — redondo, arquibancadas e sob lona —, com palhaços, mágicos, acrobatas e malabaristas, mas sem domadores e animais, proibidos em vários países, segue itinerante.

Ele surgiu como “circo de cavalinhos”. Foi em Londres, na Inglaterra, no início de 1768, quando o militar de cavalaria Philip Astley se apresentou em público, conquistando calorosos aplausos. Estudioso, ele descobriu, adestrando os animais, que, se mantivesse rápido galope dentro de um círculo pequeno, geraria uma força centrífuga capaz de o manter sobre a montaria sem que desequilibrasse facilmente. Com um pé na sela e outro na cabeça do cavalo, fazia ousados movimentos, para delírio do público.

O sucesso foi imediato. Empreendedor, o ex-militar que se tornou artista ampliou o espetáculo. Trouxe palhaços, contorcionistas, equilibristas e animais adestrados, além dos cavalos. Também acrescentou uma banda de música para entusiasmar a plateia nos intervalos. Astley foi parar na França, onde, em Versalhes, se apresentou para o rei Luís XV e sua corte. Por lá ficou. E, para dar maior conforto aos exigentes franceses, cobriu o circo com uma lona, dando origem ao circo de lona tradicional, como conhecemos hoje.

O teatro, por sua vez, se sofisticou ainda mais, conquistando arquitetos e engenheiros no desafio de criar e construir espaços fechados, com acústica perfeita, capazes de receber o público com absoluto conforto, elegância e segurança. Data de 1576 o primeiro teatro construído no mundo, no bairro Shoreditch, em Londres, capital da Inglaterra. Consta que a abertura teve a encenação de “Romeu e Julieta”, do dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare. Por sua vez, o pioneiro edifício do famoso Teatro Bolshoi surgiu à margem direita do rio Neglinka, em Moscou, capital da Rússia, e se chamava Petrovsky, derivação do nome da rua Petrovka. Mais tarde, passou a se chamar Teatro Petrovsky Antigo. Foi inaugurado no final de 1780. A proximidade entre circo e teatro é tão grande, que são muitos os detalhes que os unem através dos anos. Não são apenas meras coincidências... O Petrovsky foi inaugurado com uma pantomima circense, o balé The Magic School, produzido por Leopold Paradis, com música de Joseph Starzer. E, como o Circo Máximo, em 1805, o imponente e belo edifício sofreu um devastador incêndio.

A Casa da Ópera de Vila Rica, em Ouro Preto, em Minas Gerais, é o primeiro teatro do Brasil. Com 250 anos de idade comemorados em 2020, foi inaugurada em 1770 e é a mais antiga casa de espetáculos em funcionamento nas Américas. Em carta a um amigo, o português João Souza Lisboa, empreendedor que construiu o teatro, destaca e valoriza o fato inovador de haver substituído os homens travestidos de mulheres por atrizes e relata que uma delas até desempenhava o papel com “todo o primor, melhor que as do Rio de Janeiro”. Naquele tempo, especialmente no interior do país, era malvisto que mulheres trabalhassem no teatro. Homens faziam os papéis femininos, vestidos como elas.

Com 350 lugares, o requintado edifício é um sobrevivente — foi, diversas vezes, ameaçado de demolição. Hoje está tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como integra o Patrimônio Cultural da Humanidade que, pela UNESCO, alcança toda a cidade de Ouro Preto. Foi no século 19 que o circo e o teatro começaram a acontecer no Brasil e, naquele tempo, ainda com artistas europeus que imigraram para cá.

Você deve estar se perguntando: “E a diversidade?”. Pois é... Ela sempre foi uma luta das pessoas lúcidas, justas e humanas. Porque, ao longo da história do mundo, muitos foram, e ainda são, os que não respeitam as realidades das outras pessoas, os seus direitos. Assim, desde os imperadores romanos que perseguiram e matavam os que não pensavam como eles, existe a cultura do ódio.

Vivemos dias de muita apreensão e angústia, estamos vendo “o circo pegar fogo”. E tem gente jogando gasolina... Desde o início da pandemia, em fevereiro/março de 2020, não houve planejamento, estratégia, empenho — responsabilidade — no trato do assunto no Brasil. E se acumulam outras graves questões políticas, econômicas, sociais. Entretanto, como desde sempre e para sempre, há quem pratique o salutar hábito do amor ao próximo. E, neste caso, com muita arte.

Suzie Bianchi tem uma história assim. E que traz de origem familiar; tem um DNA sensível, criativo e inovador. Acima de tudo, que lhe garante coragem. Nela, habita a consciência de que gente e arte são ingredientes da mesma receita de felicidade. E com a certeza de que não deve haver limite, seleção, requisitos para expressar sentimentos que não sejam os próprios sentimentos. E os melhores.

Sua emocionante e produtiva história de mais de três décadas encantando pessoas pela arte, sem discriminações e preconceitos, é a feliz certeza de que podemos ter esperança, devemos acreditar em tempos de amor, paz e evolução. Este livro é o testemunho dessa incontestável verdade. Leia e descubra como é possível amar o próximo muito além de a si mesmo.

Ricardo Viveiros
é jornalista, escritor e professor

Arte Com Amor Semeado Pela Fé

Esse livro é uma pequena fresta iluminando os nossos olhos nesses tempos de individualismo e banalidades que invadem as nossas vidas. É uma matriz inspiradora para outras criações e anuncia que os próximos capítulos transcendem para novos estágios da evolução humana. Desvela-se um trabalho, a confluência de linguagens artísticas, com destaque para o teatro, o circo e a dança. Os movimentos inventados nos repertórios cênicos e nos processos de formação dos artistas — por motivos desconhecidos pelos estudiosos — estão distantes das metodologias acadêmicas e das posições deterministas que supervalorizam as técnicas e validam as obras de arte. O que acontece nos ensaios e nos palcos tem as emoções como o mais interessante. Talvez, por isso, essa história demorou a ser contada. É difícil sistematizar os sentimentos e descrever as pessoas que embelezam o mundo. Porém, como não poderia deixar de ser, esse registro emerge da diversidade, com as memórias poéticas e as vozes de quem a vida presenteou ofertando o encontro com a artista Suzie Bianchi, uma mulher reluzente.

Sobre a gênese dessa história, é bom que se diga: a senhora Jenny e o senhor Dogayr, semeadora e semeador, plantaram uma pedra fundamental em um Campo Belo e, com o tempo, surgiram crianças, frutos e encantamentos. Hoje, uma companhia de dança e circo cresce indefinidamente como a orquídea cultivada na entrada da casa para recepcionar as pessoas e indicar um corredor onde das jardineiras brotam flores e folhas de chá. Essa passagem é fluxo de boas energias, que encharcam os cômodos da casa e nos conduzem à sala de luz e também a uma grande sala para dançar. Nesses lugares, sob a proteção de Santa Sara, é possível plainar com malabares, cama elástica, cores, cordas, lira, tecidos e trapézios.

Para os desavisados, alertamos: esse trabalho é semeado pela fé, uma única sílaba, com significados gigantescos, do tamanho da coragem desses artistas. É iluminado “...*pela força das águas, pela força da mãe-natureza, filhos dos ventos, das estrelas...*”¹. Os bons fluidos e a espiritualidade permitem os encontros inexplicáveis entre as pessoas que ensinam e, ao mesmo tempo, aprendem. Esses artistas/educadores deslocam os sentidos de quem contempla suas criações; nos revelam, nas cenas, que somos todos seres humanos plenos de muitas falhas; e, para a grande maioria, as imperfeições são encobertas pelo consentimento social.

Assim, conhecer essa história é também adentrar na impressionante linguagem estética: simples, intuitiva, original e em constante transformação. Um repertório emotivo, concebido por muitas pessoas, um olhar de um para o outro, vivências distintas, esforços individuais que convergem a um orgânico coletivo de corpos em cena. Pessoas maravilhosas, iluminadas e com pretensões de fazer o impossível, capazes de purgar os preconceitos e os padrões impostos na mídia e nas belas-artes. É preciso sentir a dimensão dessa história e conhecer a companhia, os artistas, dramaturgos, coreógrafos, criadores de luz, de som, de imagens. É preciso referenciar as mães, os pais, os amigos que ajudaram nas construções dos espetáculos e, principalmente, na formação do elenco. Então vamos todos! Eu, você, espectadores, admiradores que iniciam a leitura desse livro com as palavras da artista Suzie Bianchi: “*A arte com amor, com respeito, com afeto. O mundo está precisando disso, cada vez mais!*”

Edson Martins Moares

é professor e mestre em artes visuais pela UNESP.

¹ Frases extraídas da oração para Santa Sara.

A Dança de Suzie

Por mais de dez anos, vivi a experiência de participar no desenvolvimento de ideias a enriquecerem o universo artístico, cultural no Estado de São Paulo, atuando primeiro como diretor do Departamento dos Museus e Arquivos, depois, secretário adjunto da Cultura. O elenco de propostas que trazíamos ia desde a construção de uma nova sede para a memória oficial até a improvisação de um auditório para ensaios no Conservatório de Tatuí, ou a instalação de um programa envolvendo maestros e músicos, como o “Música nos Museus”, que levava o som das formações musicais do Estado aos silentes museus do Estado, nos fins de semana.

Das iniciativas plantadas, algumas sobreviveram. Muitas surgiram nos próprios artistas. Uma delas veio do sonho de uma jovem bailarina que nos procurou na busca de apoio para um grupo se formando. Cultivava quimeras e a expectativa de vir a ser um corpo de dança, liderado por uma menina com energia especial. Propunha *tocar* uma escola para talentos na periferia e o entusiasmo, mais a verdade nas palavras e no olhar dela, nos contagiou.

Nosso apoio material era modesto, no período em que vários conjuntos de dança se formavam em São Paulo, numa onda de amor por essa arte, fenômeno que se dá de tempos em tempos. A vontade de ver realizada mais aquela quimera nos levou a indicar um dos nossos para a cobertura ao projeto. Este foi Ivan David, um estagiário também entusiasmado, e lá foram eles trabalhar juntos.

O tempo se foi e, agora, cerca de trinta anos passados, vejamos no que deu: Ivan virou professor de informática e segue colaborador da artista, enquanto a bailarina de olhar verdadeiro escreveu essa bela página na história da dança paulista, que, aliás, está nesse álbum de memórias sobre até onde ela já chegou. Um sucesso a se repetir. Parabéns e obrigado, Suzie!

Zélio Alves Pinto

é pintor, jornalista, artista gráfico, escritor, caricaturista e ilustrador.

Memórias Poéticas da Diversidade

Quando comecei a pensar em escrever um livro de memórias e depoimentos sobre esta trajetória, que não digo ser minha, mas nossa, ela está pautada nas pessoas que conheci ao longo deste percurso, com as pessoas que me ajudaram a construir tudo isso. Precisei de tempo para poder aprofundar e me debruçar sobre essa máquina de escrever, que não possui a mesma beleza das máquinas antigas, analógicas — máquinas que usávamos quando iniciamos nossa história.

A ideia de escrever um livro surgiu em 2018, a partir de uma conversa com Ivan David, grande parceiro que me acompanha há muitos anos e que, desde quando nos conhecemos, sempre teve um olhar carinhoso e de entusiasmo para a Circodança. Considerei também o conselho de minha mãe, Jenny Catricala Bianchi, que já vinha me dizendo, há alguns anos, que eu deveria escrever um livro sobre meu trabalho.

Em 2020, todos tivemos que ficar reclusos devido aos protocolos necessários para o combate ao surto de coronavírus e, embora ainda estivesse atarefada, passar todo o tempo dentro de casa me possibilitou escrever um pequeno esboço. As primeiras linhas fluíram e, com força e intensidade, se tornaram esse livro.

Para tornar o livro uma realidade, resolvi escrever um projeto com Lydiá Arruda, amiga que conheci no Curso de Gestão Cultural do Centro de Pesquisa e Formação SESC SP. O projeto foi premiado no PROACLab Expresso 49, por histórico de realização na modalidade circo.

Início esta história contando sobre a casa onde eu e meus pais, Dogayr Bianchi e Jenny Catricala Bianchi, moramos desde 1972. Na época, estava com nove anos de idade. No momento, nos preparamos para a celebração do aniversário de 50 anos.

A casa foi construída com uma edícula no fundo para receber os parentes de minha família materna, que residia no interior de São Paulo. Contudo, a edícula era pouco utilizada no dia a dia, constituindo-se principalmente como um ambiente de lazer para almoços de domingo. Pouco a pouco, o espaço se transformou na escola inicialmente chamada Grupo Revolution. O mesmo espaço, posteriormente, transformar-se-ia em Academia Suzie Bianchi e, depois ainda, Companhia Circodança Suzie Bianchi.

A casa construiu, vivenciou e foi testemunha de muitas histórias. Histórias que se entrelaçam, muitas vezes, se misturam e se completam. Histórias que acolhem pessoas. Histórias que permitem que a arte se encontre com o movimento. Histórias de uma grande família que tem uma trajetória permeada por altos e baixos, alegrias e tristezas. Histórias que viraram memórias e serão compartilhadas a partir de agora nesse livro.



Minha história com a arte começa antes de mim. Minha mãe sempre foi apaixonada por música clássica e até hoje gosta de cantar. Ela me contou que, quando adolescente, entre seus 15 e 16 anos, adorava visitar a vizinha para ver o filho tocar piano. Penso que, se ela tivesse tido uma oportunidade, teria estudado música e talvez até se tornado uma grande artista. Por conta de sua paixão, sempre incentivou para que eu e meu irmão estudássemos música. Minhas primeiras aulas foram de violão, seguidas por cinco anos de estudos de piano. Foram essas aulas que formaram a base rítmica e a boa noção de musicalidade que hoje utilizo nos meus trabalhos com o circo e a dança.

Minha história com a dança iniciou em 1977. Na época, estava com 14 anos e, passeando pelo bairro paulistano do Campo Belo, vi a fachada da “Lita’s Ballet”, com bailarinas pintadas de branco em uma parede rosa-choque. O desenho me chamou tanto a atenção que tive vontade de estudar lá.

Iniciei minha formação em dança com as modalidades de *ballet* clássico, jazz e dança moderna. Durante seis anos, saía da escola formal, almoçava e imergia em um universo que preenchia minha alma de alegria e prazer. A dança entrou em minha vida de forma avassaladora, me apresentando um novo mundo com possibilidades diferentes das que eu conhecia até então. A dança entrou em mim e se tornou o ar que eu respiro.

Para mim, o movimento é a possibilidade de nos expressarmos sem palavras, na qual cada intenção é traduzida num gesto. Acredito que, através do movimento, fragmentos de nossa alma se expressam, criando e dando sentido à nossa existência. E a música, como a força dos batimentos cardíacos, sustenta a base para a criação das mais diversas coreografias.

Comecei a dar aulas em 1984, de forma despretensiosa, a pedidos de amigas e primas do bairro que assistiam aos espetáculos de dança em que me apresentava. Comecei timidamente, na edícula dos almoços com a família. Em um ano, já tinha cerca de 100 alunos, o que me indicou um caminho para minha vocação de ensinar.

Foto à esquerda: apresentação de Suzie no início de carreira. Teatro Cultura Artística, anos 80.

Assim começa a história da Cia. Revolution, primeiro nome dado ao espaço que se tornou escola de dança e que, com o tempo, passou a se chamar Academia Suzie Bianchi, até se tornar hoje a Cia. Circodança Suzie Bianchi.

A edícula dos almoços de família, que se tornou uma escola de dança, passou por várias transformações até chegar no formato atual. Duas grandes reformas foram realizadas para adequar todo o espaço, que continua em transformação.



Suzie nas aulas de piano nos anos 70. As primeiras apresentações da escola “Revolution”. Teatro do colégio Oswaldo Aranha em 1984.

Escrevo este livro para contar sobre essa trajetória que se iniciou com a abertura da escola de dança. Como educadora da dança e do circo, afirmo que o estudo da técnica aprimora nossa flexibilidade, concentração, foco, equilíbrio, destreza, ritmo, coordenação, disciplina, entre outros, bem como nos possibilita interagir melhor em grupo, nos proporciona trocas e aprendizados diversos. Como entusiasta que sou, poderia escrever um livro inteiro somente para descrever a relevância da prática da dança na vida das pessoas.

Falo e escrevo a partir das linguagens que são minha vida. Mas sei também da importância da música, do teatro, das artes visuais, da literatura, do cinema, da performance, da fotografia e de todas as demais expressões artísticas. E da potência que é formada quando as linguagens interagem.

Alguns filósofos afirmam que o ser humano é composto de corpo, mente e espírito. E, nesse momento, afirmo que a espiritualidade sempre foi muito presente em minha vida. E que acredito que o ser humano seja composto de corpo, mente, espírito e arte. Não consigo enxergar o mundo sem arte, cultura e espiritualidade, pois foi com elas que construí minha história.

Durante a escrita deste livro, pude rememorar diversas lembranças vividas com pessoas queridas. Seria impossível falar de todas elas, pois, nos 37 anos de existência, somente a escola de dança atendeu centenas de alunos anualmente. Cada uma dessas histórias foi permeada por outras várias histórias de pessoas próximas, público, funcionários, família.

Todas as pessoas que nos ajudaram a escrever a trajetória da Cia. Circodança Suzie Bianchi foram importantes para nós. Nossa forma de homenagear todas essas milhares de pessoas foi escrever o livro, contando as principais passagens da nossa trajetória através das pessoas — pois, sem elas, não teríamos nem começado.

Acreditamos no ser humano e em todas as possibilidades que uma pessoa pode nos oferecer. Sempre enxergando a pessoa com suas singularidades e aspectos únicos, construímos nosso caminho da diversidade.

Com algumas dessas pessoas, construímos amizades de longa data. Amizades que, com muito amor, carinho, respeito, troca, afeto e arte, se transformaram numa grande família. O circo nos ensinou que os amigos que escolhemos se tornam nossa família de coração.

Pretendo que as memórias descritas neste livro inspirem outras pessoas a construir suas próprias histórias e caminhos. Início contando duas histórias a partir de nossas três características principais: a arte, o humano e a diversidade.

Roberto de Azevedo, por exemplo, era uma figura de destaque nos bailinhos do bairro. Conhecido como Tatito, um dia, veio fazer teste na escola de dança a pedido de uma amiga. Pude perceber, de imediato, que possuía um talento nato, mas que ainda precisava ser lapidado. Acordamos uma bolsa para que iniciasse seus estudos em jazz, dança moderna com técnica de Horton e *ballet* clássico. Ávido aluno, após estudar essas técnicas, foi se especializar em outras linguagens e, com o tempo, se tornou coreógrafo da escola de dança que eu havia formado.

Em conjunto, formamos o Grupo Revolution, em 1985, para participar do IV ENDA, Encontro Nacional da Dança, principal festival de dança da época no Brasil. Fomos premiados com o 3º lugar e, a partir de então, passamos a participar de diversos festivais no país, sendo premiados em vários deles.

Juntos, tivemos a oportunidade de dançar em espaços como o Memorial da América Latina e o Teatro Sérgio Cardoso, referências na época para apresentações de dança.



A "recepção" em transformação em três décadas.

Jardim idealizado por minha mãe Jenny na segunda reforma antes de construir a sala do circo e suas transformações.



Fotos do "Grupo Revolution" do qual Tatito fez parte, no IV Festival de Dança ENDA em São Paulo no Teatro Sergio Cardoso, e ganhou o 3º lugar na categoria Jazz Amador com coreografia de Suzie Bianchi em 1985.

Formação de Roberto de Azevedo na escola "Revolution" em 1984.



Foto acima: Roberto de Azevedo ministrando aulas de dança para o grupo Revolution 1988.



Foto acima: ensaios para apresentação do grupo amador Revolution, no Festival de Dança ENDA com coreografia de Tatito, e com a participação das alunas: Luciana Itapema, Cibele Baltazar, as irmãs Tatiana e Vanessa Treistman e Melissa Malta em 1989.



Cartão postal e foto enviados para Suzie de Tatito na Itália em 1994

Depoimento

Roberto Tadeu de Azevedo

Suzie Bianchi me ensinou coisas maravilhosas para além das técnicas de dança, como a espiritualidade. Quando a conheci, vi uma mulher branca, loira e bonita, o que sabemos muito bem que, no Brasil, pode representar uma pessoa extremamente preconceituosa. Ao contrário disso, ela jamais fez diferenciação entre mim e os outros alunos de sua escola e sempre me tratou de igual para igual.

O que aconteceu comigo naquela época foi uma coisa maravilhosa. Quando entrei na Escola Revolution, que uma amiga me apresentou, a Suzie me olhou e disse: “Roberto, nós precisamos de bailarinos homens, por isso, vou fazer um teste com você. Dependendo do resultado, você pode dançar em nosso grupo”. Até então, eu participava das festinhas e bailinhos do bairro e imitava o Michael Jackson, dançava livremente, ainda não sabia sobre a metodologia e formação da dança e não tinha entendimento das técnicas, como a dança moderna e o ballet clássico.

Eu não imaginava o universo e o mundo que se abririam para mim através da dança. Porque eu sempre fui uma criança, um jovem com muito medo daquilo que eu era, não conhecia aquilo que o mundo poderia fazer comigo. Eu tinha amigos que me diziam coisas como “você é muito magro”, “você é muito feio”.

No grupo de dança que participei, na Escola Revolution, todos eram muito unidos para desfrutar do amor pela dança sem nenhum preconceito uns para com os outros, e pensei comigo mesmo: “Este é um mundo onde eu, com todos os meus medos, crescendo sozinho numa família de 13 filhos, poderia encontrar um outro jeito de viver”. Então, ali se deu minha vontade para trabalhar profissionalmente com dança.

Procurei a Suzie e lhe disse: “Gostaria de ser um bailarino profissional”. E ela me respondeu: “Tatito, isso é realmente o que você quer fazer?”. E quando eu respondi que sim, ela me disse: “Então vamos fazer o seguinte: tem um teste para a Escola Municipal de Bailados, onde você pode estudar sem pagar nada. Eu vou lhe preparar com aquilo que posso dentro de meu conhecimento”.

E, assim, Suzie Bianchi me preparou com aulas de ballet clássico e me ajudou a entrar na Escola Municipal de Bailados com a nota 9. Graças a Deus, eu tive a oportunidade de estudar com uma pessoa tão maravilhosa!

Do mesmo jeito que ela ensinava as técnicas de danças que eu usei quando vim morar na Europa — e, ainda hoje, eu me lembro de cada exercício que ela fazia conosco —, já tinha um jeito particular de amar o próximo. Em nossas conversas, falávamos sobre espiritismo, mesa branca, Seara Bendita, candomblé, catolicismo, Seicho-No-Ie, umbanda, budismo.

Encontrei uma pessoa que me explicou, na prática, o que significava a expressão “amar ao próximo”. Um dia, ela me disse: “Veja como a dança é linda! Mesmo que você tenha muitas técnicas, jamais deixe de considerar o lado humano das pessoas”.

Deixo aqui o meu muito obrigado à Suzie por tudo isso que ela me proporcionou.

Roberto Tadeu de Azevedo



Luciana Itapema em aula na escola Revolution entre 1987 e 1988.

No mesmo período que conheci o Tatito, Luciana Itapema chegou na escola de dança. Ela foi a primeira aluna que me instigou a procurar mecanismos de acessibilidade (palavra incomum até para mim, na época) para que ela pudesse se sentir integrada nas aulas de dança.

Deficiente auditiva, ela só conseguia entender o que eu explicava ficando de frente para mim e realizando a minha leitura labial. Então, para que conseguisse compreender o ritmo das músicas, eu ligava o som alto, com as caixas voltadas para o chão, e pedia para que ela ficasse descalça com o intuito de que ela sentisse a vibração que reverberava do chão. Do mesmo modo, pedia para que ela colocasse as mãos na caixa de som. Assim, ela foi entendendo a forma de sentir e entender os tempos musicais para as coreografias. Ela estudava jazz e, com o tempo, passou a integrar o grupo que se apresentava nos festivais.

Depoimento Luciana Itapema

Era o ano de 1987 e eu tinha 13 anos de idade quando uma vizinha (que, carinhosamente, nos tratávamos como “primas”, uma lógica conclusiva de um raciocínio infantil, uma vez que chamávamos as respectivas mães uma da outra de “tia”) me convidou para fazer aula numa pequena academia que tinha sido aberta na mesma rua em que morávamos, logo ali, no quarteirão de cima. Chamava-se Academia Revolution e oferecia aulas de jazz e de ginástica aeróbica e localizada.

Eu era uma garota tímida e que vivia dentro de casa. Não era daquelas crianças que brincava na rua. A liberdade corporal e a experiência do movimento ficavam restritas às visitas aos meus avós maternos no interior e, principalmente, quando íamos para a fazenda. Com isso, em parte, fui recebendo o reflexo de uma vida urbana e com falta de movimento. Eu já era uma criança gordinha (e sedentária) e, com a chegada da adolescência, isso começou a incomodar.

Foi nesse cenário que ela me contou que estava fazendo aula (acho que de jazz e de ginástica também, mas já não me lembro mais) nessa academia e me convidou para fazer uma aula lá. Bom, lá fui eu (com um misto de vergonha e curiosidade).

A academia ficava no fundo de uma casa familiar, numa edícula. Aliás, uma arquitetura comum nas casas daquela rua. Andei por um longo corredor aberto e fui recebida pela Suzie Bianchi, uma pessoa pequenina, encantadora, com um brilho no olhar e um sorriso imenso e acolhedor. Superanimada, logo ela me convidou para entrar e fazer a aula e eu acho que ali todo o meu desconforto foi embora.

Eu realmente não lembro se contei a ela que era uma pessoa surda que usava aparelhos auditivos nem se eu perguntei se isso poderia ser um impeditivo. Eu acho que não, mas, de qualquer maneira, isso parecia não fazer nenhuma diferença para a Suzie (e talvez nem para mim). Eu era tão única nesse universo, pois somente tinha convivido com pessoas sem deficiências, que não tinha referências. Acho que, somente muito depois, tanto eu quanto Suzie viemos a ter a real dimensão daquele momento, no qual eu fui a primeira aluna com deficiência da academia.

Aqui, quero fazer um parêntese nessa história e me apresentar. Eu sou a Luciana Itapema, sou uma surda que ouve com o recurso de aparelhos auditivos. Tenho uma perda de audição severa para profunda, bilateral, neurossensorial. Isso significa que é uma perda não somente em volume, mas também em qualidade sonora. Com uma perda maior nas frequências agudas do que nas graves e que implica uma dificuldade também maior nas faixas de sons da zona da fala e de eletrônicos.

Bom, enfim, lá fui eu numa aula com um grupo iniciante de jazz. O entrosamento e a sinergia foram tão grandes que saí de lá com a matrícula feita nas aulas de jazz para iniciantes e de ginástica.

A academia já tinha um grupo amador de dança, chamado Grupo Revolution de Dança. Para encurtar a história, em oito meses, eu passei a fazer parte desse grupo e, no mesmo ano em que entrei, já dancei na apresentação de fim de ano com ele. E lá fui eu, em duas apresentações, uma do grupo de ginástica (toda de azul — calça de moletom, camiseta e polainas) e outra do grupo de dança, de collant e meias brilhantes rosa-choque.

Ali também conheci Tatito, o coreógrafo do grupo. Garoto negro, morador do bairro, com um absurdo talento. Bailarino, dançarino incrível mesmo. Tanto ele quanto Suzie perceberam que havia um pequeno “delay” de milésimos de segundos na minha contagem. Ou seja, havia um tempo de processamento interno do som e a resposta para todo esse processamento neurológico somado ao aparelho auditivo, que era milésimos de segundos depois do ouvido das pessoas não surdas. Assim, sempre parecia que eu estava um tiquinho atrasada na execução. E, de fato, visualmente ficava mesmo. Eles tiveram a ideia de colocar as caixas de som no chão para que eu colocasse a mão na caixa e contássemos juntos. Pela vibração do som nos pés e nas mãos, consegui entender esse “delay” e me ajustar (embora, para os meus ouvidos, eu estivesse “fora do tempo”, eu estava dentro). A partir daí, questão superada, segui dançando e fazendo aulas de ginástica. E as caixas de som continuaram no chão, para, se fosse necessário — principalmente nas coreografias novas —, sentir a vibração.

E assim se passaram três ou quatro anos da minha vida. Durante todo o ensino médio e o primeiro ano de graduação, eu ia diariamente para a academia. E, muitas vezes, no final de semana e feriados também. Eram ensaios após ensaios. Aulas e mais aulas, em lugares, academias e com grupos de dança diferentes. Comecei a fazer ballet em uma escola específica e conhecida no bairro, para ter mais técnica e base corporal (naquela época, acreditava-se que o ballet era a base e primordial para a evolução em outras formas de dança). Suzie e eu fazíamos muitas aulas abertas e workshops com grupos como Raça, Corpo, Ballet Stagium e por aí vai. Apresentamo-nos em vários lugares: Teatro Sérgio Cardoso, Memorial da América Latina (inesquecível, um palco enorme, e com a coreografia Vogue — música da Madonna), TV Cultura... Na Cultura, foi num concurso que fomos vencendo e, a cada semana, apresentávamos uma coreografia nova (foi uma loucura! Quase não dormíamos). Por dois anos, nos apresentamos no ENDA Jovem (Encontro Nacional da Dança). Ah! Teve também apresentação em casa noturna — com uma coreografia de salsa.

Mas... nem apenas de ensaios e apresentações a gente vivia. Na academia, fazíamos de um tudo: era figurino, cenário, apresentações de fim de ano, arrecadar dinheiro ou algum tipo de subsídio para alugar o

espaço (ou tentar um empréstimo ou cessão de algum teatro), elaborar o programa do espetáculo, etc. Acho que vivíamos mais tempo lá do que nas nossas próprias casas.

Assim, a vida se seguiu diariamente entre as aulas de jazz, ensaios com o grupo de dança e as aulas de ginástica, que aliás, adorava e não faltava em nenhuma. Aqui também tem história...

Cerca de um ano ou um ano e meio depois que comecei a fazer essas aulas, a professora que dava aula se desligou da academia inesperadamente. Em um determinado dia, a gente chegou para fazer aula, a professora não estava lá e a Suzie me pediu para dar aquela aula, tentando resolver a situação inesperada — já que ela mesma não poderia substituir, pois ia dar aula de dança na outra sala no mesmo horário. Bom, lá fui eu, com 14 anos de idade — meio que num “copia e cola” das aulas que fazia, com um aquecimento coreografado de ginástica aeróbica e, depois, exercícios de ginástica localizada com pesinhos, caneleiras e abdominal. Terminada essa aula (acho que fui bem, risos), a Suzie me pediu para dar as aulas até pelo menos conseguir outra professora, já que ela dava aula no mesmo horário na outra sala da academia. Para encurtar a história, segui dando aula de ginástica na academia por quase três anos. Quero lembrar que, naquela época, não havia conselho regulador da área de Educação Física nem obrigatoriedade de formação acadêmica. A partir de então, não parei mais. Participei de todas as Convenções de Fitness da época e cada vez mais me envolvendo e apaixonando pelo universo da ginástica também. E assim segui, escolhendo Educação Física como primeira graduação. E nem preciso dizer que, com essa atitude, a Suzie foi uma das grandes responsáveis pela minha escolha e carreira na área de Educação Física.

Depois do primeiro ano de faculdade, nossas vidas tomaram rumos diferentes. Eu me formei em Educação Física. Fiz uma segunda graduação, em Administração de Empresas. Mudei de cidade. Entrei no SESC SP e comecei a trabalhar lá. E, embora nunca deixássemos de saber uma da outra, afinal, meus pais continuaram morando na mesma rua, foi o SESC que nos aproximou de novo, com pessoas em comum que não sabíamos que eram em comum. E ali estava a mesma Suzie, o mesmo brilho no olhar, o mesmo sorriso, com uma imensa energia de vida!

Como ela sempre diz: “O universo se encarrega de tudo. E as coisas acontecem”.

Mas sabe, Suzie, eu acho que as coisas só acontecem e aconteceram porque, no universo, existem pessoas como você. E, então, agradeço ao universo a sua existência. Um beijo no seu coração.

Luciana Itapema

Por vivenciar, por décadas, a prática artística, tive a oportunidade de conviver com pessoas diversas, com diferentes características físicas, emocionais e de personalidade. Como educadora da dança e do circo, tenho uma imensa responsabilidade com os corpos que lido. Logo nos meus primeiros anos de aula, passei a observar e entender quem é a pessoa que veio fazer aula conosco para, só então, me preocupar com a aplicação da técnica artística. Faço isso porque a experiência me comprovou que cada aluno tem um modo particular de entender como seu corpo descobre o caminho do movimento. A partir dessa descoberta, a técnica conduz cada aluno para o caminho do aperfeiçoamento.

Gostaria de ressaltar que minha própria personalidade é inquieta, curiosa, espontânea e, acima de tudo, humana. Gosto muito de estar e conviver com pessoas. Nas minhas vivências pedagógicas, o aprender sempre foi uma via de mão dupla. Ao observar atentamente cada um dos meus alunos, aprendo muito sobre como ensinar.

Alunos também têm seus dias ruins. A prática pedagógica me mostrou que, em alguns momentos, o que está dificultando o entendimento ou a execução da técnica artística são fatores externos. Por isso, desenvolvi um método próprio, para que eles pudessem se conhecer e se entender melhor consigo. Ao final de cada aula, pedia que se deitassem no chão, com os olhos fechados, e os orientava para que prestassem atenção em seus corpos e suas respirações, sempre direcionando as orientações para as pessoas que eu tinha observado durante a aula. Se uma aluna mostrasse uma tensão incomum nos ombros, por exemplo, esse era o momento de enfatizar a observação para a região da cintura escapular, para que ela mesma tentasse

entender o porquê dessa tensão incomum e pudesse continuar posteriormente seu aprendizado de uma maneira mais fácil.

Sempre fui uma pessoa espiritualizada e, embora tenha praticado yoga, meditações e frequentado algumas religiões espiritualistas por anos, minha intenção em sala de aula sempre foi a de meus alunos se conhecerem melhor, independentemente da religião que praticassem. Preocupo-me com indivíduos — que, como a própria fala diz, possuem características singulares. Indivíduos que são muito mais do que corpos que executam movimentos.

Dar aulas para crianças e adolescentes, que estão em processo de formação e construção de personalidade, me ensinou que é preciso acolher, saber ouvir e sobretudo observar. Uma briga na escola, um desentendimento com os pais, um início de namoro interferem diretamente na forma como o aluno executa a aula. E com essa idade, por vezes, o aluno não quer conversar, ou mesmo não consegue relacionar um acontecimento externo com a prática artística. Mas todas essas questões estão presentes e tenho que lidar com elas para desenvolver a aula. Fazê-los centrarem-se em si foi um dos meios que aprendi para auxiliá-los em seu desenvolvimento.

Dar aulas para adultos me ensinou que as críticas, mesmo as construtivas, quando repetidas constantemente em sala de aula diante de um grupo, podem surtir o efeito contrário. Para aquela aluna que exemplifiquei anteriormente, é importante mostrar para ela a tensão acentuada nos ombros. Mas repetir, por diversas vezes, a mesma informação, durante a aula, poderia fazer com que ela ficasse mais tensa. A prática me mostrou que esse momento de auto-observação é fundamental no desenvolvimento da prática artística.

Muitas pessoas me perguntaram por que não desenvolvi uma metodologia que pudesse ser compartilhada com outros educadores. E, embora tenha realizado pesquisas aprofundadas nas linguagens de dança e circo e tenha o suporte de profissionais como psicólogos, fisioterapeutas, neurologistas e fisiatras, sempre considerei que talvez restringir a minha prática peda-

gógica a um método fechado pudesse não ser tão efetivo quanto observar individualmente cada um de meus alunos. Ressalto que não desconsidere a importância da metodologia na prática de ensino de arte. Pelo contrário! Por possuir formação em *ballet* clássico, sei da importância que a aplicação de um método possui no desenvolvimento da técnica. Só não me senti preparada, até o momento, para teorizar uma metodologia pessoal.

Quando me questionam sobre qual é a metodologia que utilizo para dar aulas, afirmo que é a observação constante e contínua. Afirmo sobre a importância da observação para outros educadores de dança e circo (e acredito que isso sirva para professores de qualquer tipo de linguagem). Aconselho que não se esqueçam da técnica, mas que, sobretudo, não deixem de observar seus alunos e o que seus corpos e gestos estão nos comunicando.

Uma de minhas formações foi em dança moderna, no método de Martha Graham, de quem sempre admirei as frases “O corpo diz o que as palavras não podem dizer” e “A dança é a linguagem escondida da alma”. As duas afirmações são norteadoras para o projeto que idealizei para a Circodança.

Por tratar cada aluno como um ser único, sempre me foi natural lidar com a diversidade. Não gosto da utilização da palavra “deficiente”, porque os conceitos dicotomizados de eficiência/deficiência podem ser muito subjetivos. Após tanto tempo realizando a prática pedagógica, me questiono sobre o que ou quem determina o que é normal e eficiente.

Um belo exemplo disso é uma das bailarinas da nossa companhia, que ganhou a disputa do Campeonato Mundial de Salsa, nos Estados Unidos. Sempre enxerguei mais a sua desenvoltura e habilidade que ela possui para dançar do que o fato de ela ter síndrome de Down.

Durante as décadas de ensino, tive centenas de alunos “sem deficiências” que possuíam mais dificuldades de coordenação motora, musicalidade, ritmo, alongamento, equilíbrio do que os alunos “deficientes”.

A década compreendida entre 1995 e 2005 foi um período de muitas transformações importantes para mim. Foi quando resolvi mudar o nome de “Grupo Revolution” para a “Academia Suzie Bianchi” e realizar a formalização da escola de dança. Até então, eu, uma outra professora de dança e uma coreógrafa dividíamos a organização da escola de modo informal. Senti a necessidade de profissionalizar e regularizar o trabalho desenvolvido no espaço, que crescia vertiginosamente.

Pessoas incríveis entraram na escola como alunos e professores, nessa época, e me auxiliaram com a gestão da escola de dança. Neste mesmo período, também tivemos a entrada de duas pessoas muito especiais: Celia Aidar Bondioli e Camila Aidar Bondioli, sua filha, que chegaram até mim através de sua amiga Claudia Zanello.

Claudia veio até a minha escola procurando aulas para sua filha mais velha, Elisa Zanello. Como estavam acompanhadas da filha menor, Bianca Zanello, perguntei se a pequena também gostaria de fazer aulas. Claudia ficou surpresa, pois não havia pensado na possibilidade de que sua filha com deficiência intelectual — termo usado na época, o qual hoje nomeio como pessoas com diversidade funcional — pudesse dançar, mas adorou a ideia! Respondi, então, que só era necessário termos três alunas da mesma faixa de idade para iniciarmos a turma.

Claudia, então, foi em busca de amigas da Camila para iniciarmos as aulas. Na semana seguinte, iniciamos a turma com Bianca Zanello, Camila Aidar Bondioli e Vanessa Sorroche, todas com diversidade funcional.



Foto acima: apresentação de final de ano da escola Revolution. Uma das primeiras apresentações deste grupo de alunas em palco no teatro da Hommel e Halpe; e no Teatro do Colégio Nossa Senhora Aparecida, entre os anos de 1990 e 1993.



Natália Ramalho, que também possui diversidade funcional, entrou na escola de dança neste mesmo período, porém, em uma turma infantil, pois ela tinha nove anos na época. Ela ficou pouco tempo da primeira vez, pois não conseguiu se adaptar à turma. Depois de alguns anos, ela retornou para a escola e sugeri que ela entrasse na mesma turma em que Camila, Vanessa e Bianca estavam. E foi neste grupo que ela se encontrou.

Natália tem uma memória impressionante para gravar coreografias e isso a ajudava no fortalecimento de sua autoestima. Eu sempre acreditei no seu potencial para a dança e circo, por isso, sempre a colocava como minha assistente nas aulas. Ela participava de várias atividades dentro da escola e seu crescimento foi muito rápido. Ela esteve presente em todos os eventos, com o grupo formado pelas meninas. Após alguns anos, teve que se ausentar devido a um problema no joelho, que a afastou das atividades físicas. Em contrapartida, ela deu início a sua carreira na música e se formou em Musicoterapia, chegando a prestar serviços para a companhia. Atualmente, ela atende seus pacientes em consultório particular.

Depoimento Natália Ramalho

A companhia representou para mim muita gratidão. Representa o encontro do meu trabalho de musicoterapia e eu sempre mencionei, em meus atendimentos, a Cia. Circodança. Fui assistente da Suzie durante um tempo. A companhia representa para mim muito amor, muita felicidade e gratidão, e o que sou hoje é o reflexo do trabalho com a Suzie, o qual me ajudou muito a decidir a minha profissão.

Natália Ramalho



Foto acima: primeira apresentação de Natalia Ramalho da escola Revolution no Teatro da Hommel e Halpe em 1993.

Depoimento Carla - mãe de Natália

Natália nasceu com hipotonia muscular e uma pequena defasagem no aprendizado. Sua evolução, desde os primeiros dias de vida, foi diferente, porém, os desafios ficaram evidentes quando começou a frequentar a escola, dando o início à sua alfabetização. Ela tinha dificuldades em acompanhar seus colegas de classe e conseqüentemente sofria rejeição (hoje damos o nome de bullying) por parte deles e da professora que, infelizmente, não tinha instrução pedagógica o suficiente para ter um olhar mais empático, humanizado e profissional por esta criança.

Neste período, houve muita dor e a descoberta dessas dificuldades ocorreu quando eu acolhia minha filha na saída da escola e via, com seus olhos cheios de lágrimas e avisos, que não tinha feito as tarefas propostas pela professora em classe. Eu então entendi que aquela escola não estava preparada para lidar com crianças que não seguem o ritmo padrão, como também não estava com disposição para entender o que estava acontecendo com esta aluna. Eu tirei a Natália da escola e coloquei-a em uma escola Montessori, onde cada um tem seu tempo para

adquirir o seu aprendizado. Mas a dificuldade de se relacionar continuava; sentia-se sozinha nos intervalos das aulas e com dificuldades de fazer amiguinhos.

Dentro deste quadro, eu pensei que a dança e a música viriam suprir não só suas dificuldades sociais, como seria também acolhida com muita alegria e sem padrões de exigências. E tudo o que eu queria proporcionar para minha filha era algo simples: vê-la feliz. E percebi que isso não viria de qualquer grupo. O acolhimento que ela buscava — e eu também, enquanto mãe — se daria por aqueles que também se sentiam inadequados dentro de uma sociedade com um padrão convencional do que é “ser normal”.

Foi aí que decidi colocar a Natália no grupo de dança e música de alunos especiais da Suzie Bianchi. E preciso acrescentar aqui que eu também fui julgada quando decidi colocar a minha filha neste grupo de dança, mas fui em frente!

Meu objetivo maior era ela acreditar que, neste mundo em que vivemos, tinha sim um espaço para ser acolhida, para o exercício de sua alegria e sua conexão com a vida! Eu tinha certeza de que, por ser um grupo de meninas especiais, a Natália seria acolhida com todo o amor que esta turma querida ia oferecer, aliás, a capacidade de afeto que estas meninas têm a oferecer é algo que transborda. E foi exatamente isto que aconteceu, um divisor de águas; e, pela primeira vez, a Natália sentiu-se plenamente acolhida, amada e sem exigências que a sociedade prega em relação a normas e padrões dentro do que é “certo e errado”. A Natália estava sendo aceita, pela Suzie e pelo grupo todo, pelo que ela era, e não pelo que a sociedade, muitas vezes, preconceituosa e sem conhecimento, determina. E tudo isto sendo manifestado através da dança e da música. Com a prática deste trabalho, a Natália começou a desenvolver um campo de possibilidades no âmbito socioafetivo, no qual antes não existia. E, neste sentido, ela pôde exercitar e manifestar todo o seu potencial como um ser humano normal, praticando a sua inteligência cognitiva e emocional, além, é claro, de estar sentindo-se feliz. E, a partir deste trabalho, começamos a perceber a sua fantástica memória, quando a Suzie inventava uma coreografia no momento da aula e, na aula seguinte, às vezes, enquanto a Suzie não se lembrava de alguma particularidade da coreografia, a Natália conseguia lembrar cada detalhe. Além da capacidade da Natália de guardar informações com muita precisão e detalhes, mostrou também muito foco, disciplina e determinação para dar o seu melhor dentro dos conteúdos propostos pela Suzie! A evolução foi tão fantástica que a Natália começou a ajudar a Suzie a cuidar das sequências na coreografia, como também a ajudá-la com as meninas, a ponto de se tornar sua assistente. A transformação da Natália foi evidente, e senti seus olhos voltarem a brilhar! E ali nascia um imenso carinho e uma cumplicidade com todo o grupo. Sentir-se respeitada, acolhida e amada pelo que você é foram ingredientes fundamentais para o desenvolvimento de sua autoconfiança! Este grupo de dança tinha o objetivo de ir muito além de uma simples aula de dança em uma academia, mas, sim, seu propósito principal era o desenvolvimento afetivo, a segurança emocional, a autovalorização de cada um construída neste trabalho, e com um ingrediente muito importante: o respeito pelas diferenças de ser e estar neste mundo! E aí eu me lembro



Foto acima: apresentação de Natalia e seus alunos de Musicoterapia, em apresentação de final de ano da Cia Circodança, no Teatro Santa Cruz em 2013

de um termo de uma tradição africana: “Sou quem eu sou por aquilo que todos somos” — UBUNTU.

Eu não poderia deixar de mencionar também minha vivência como aluna da escola de dança. A Suzie sempre incentivou as mães a também dançarem, e não poderíamos ficar fora deste projeto da academia de dança. Esta postura proativa da Suzie, na qual “todos nós, SIM, podemos dançar!”, fez da academia um espaço alto-astrol com ambiente muito familiar, onde nos sentíamos parte e responsáveis no fortalecimento dos laços afetivos que nos envolviam. E nossas relações não se limitavam apenas à academia; estendemos nossos encontros em comemorações, como festas de aniversário, confraternizações de final de ano, ensaios, etc. Todos éramos cúmplices deste doar e receber afeto envolvido com muito amor! Era impossível não ser contagiada pelo ambiente positivo deste espaço! E este movimento entre nós sempre trazia uma sensação muito boa de bem-estar e alegria!

Fiz aulas de dança clássica, dança moderna e, por último, aulas de salsa com o professor Beto. Fui muito assertiva em cuidar do meu prazer e consequentemente fortalecer minha autoestima. Em dois anos de aulas de salsa, eu me senti pronta para aceitar o desafio em me apresentar em um dos espetáculos que a Suzie promovia todos os anos.

As coxias, onde todos se preparavam com suas maquiagens e fantasias, eram permeadas por muita emoção, muita parceria e cumplicidade entre alunos e professores. Quase todos nós nervosos por entrar em cena, mas com uma felicidade indescritível!! E lá fui eu dançar com o Beto uma deliciosa salsa! Como não estar feliz e, ao mesmo tempo, ansiosa para tudo dar certo? Sem dúvida, foi uma experiência muito desafiadora e contagiante para mim!

Lembro-me que, muitas vezes, em momentos difíceis da minha vida, minhas emoções me davam vontade de ficar em casa, quietinha com meus problemas. Mas, por outro lado, uma força me impelia e como que me dizia: “Se você for dançar e deixar um pouquinho de lado sua chateação e, consequentemente, sua “preguiça”, verá como vai valer a pena e tudo vai dar certo”. E lá estava eu indo para a academia para mais uma aula de salsa. Bem, não preciso dizer que eu voltava para casa feliz e agradecendo o esforço, e meu dia se tornava muito mais gostoso e leve. E digo que a aula de dança também tinha um efeito terapêutico, pois, bastava eu colocar o pé na academia, já era recepcionada com sorrisos e abraços verdadeiros de boas-vindas, e sempre foi assim! Começava a aula, a música já tomando conta do espaço, o corpo se aquecendo, eu nos desafios dos primeiros passos e, por um passe de mágica, estava lá dançando e sendo contagiada por uma alegria imensa, e já me sentindo em outro mundo... “E as chateações, onde estão?” Foram processadas na arte de dançar e ser feliz. Neste momento, o céu era o limite, e eu então podia ali brincar e sonhar em ser dançarina... Era uma alegria que envolvia minha alma.

A música nos contagia, nos leva para uma outra dimensão. Acompanhada pelo ritmo, pela dança e pelas pessoas que vibram nesta mesma sintonia, sempre foi e sempre será uma combinação muito mágica. Agora, quando escrevo estas memórias, em que todos estamos em distanciamento social, me vem uma saudade imensa para voltar a dançar. Desejo que possamos nos encontrar pessoalmente em breve.

Carla Migliari



Foto de Carla Migliari e seu Professor Alberto Garcia em apresentação de final de ano da escola Circodança, no Teatro Santa Cruz em 2013.

Com o tempo, fui compreendendo que a motivação dos alunos, durante as aulas, também foi meu maior motivador para ensinar. Não consigo descrever em palavras a alegria e felicidade que sinto ao ver a evolução dos meus alunos na prática artística! Cada passo aprendido, cada dificuldade avançada, cada desafio de coordenação compreendido até hoje são motivos de comemoração para mim.

Três palavras definem a relação que desenvolvemos em sala de aula: empatia, afeto e acolhimento. Por ter vivências distintas, cada aluno é desafiado de modo diferente durante as aulas, e meu papel é auxiliá-los para que juntos possamos construir um caminho de evolução.

Celia Aidar Bondioli foi uma das pessoas que me ajudou e me incentivou a continuar dando aulas de dança e circo para as pessoas com diversidade funcional. Ela percebeu um grande desenvolvimento cognitivo, emocional e corporal de sua filha Camila Bondioli e de suas amigas que frequentavam as aulas. Tivemos resultados positivos, ao longo dos anos, com as meninas.

E aqui cabe destacar que tive o entendimento de que incluir é aproximar pessoas. Por esse motivo, as turmas da escola de dança e circo sempre foram separadas por níveis de desenvolvimento pessoal. Nunca houve distinção ou sala separada para os alunos diagnosticados com diversidade funcional (comumente, o que as pessoas considerariam alunos com deficiências físicas e/ou intelectuais). É urgente combatermos o capacitismo e entendermos que conceitos como tolerância e respeito são conquistados mais facilmente quando as pessoas têm a oportunidade de conviver com o que é diferente delas.

Nos espetáculos de final de ano, passei a juntar todas as turmas para trabalharmos, em conjunto, as coreografias e números que são apresentados nos espetáculos. Atualmente, ministro oficinas em empresas e espaços diversos, onde os participantes têm a rica experiência de serem conduzidos por profissionais “com deficiência”. Ao inverter os papéis habitualmente impostos por nossa sociedade, há um entendimento prático de que todos possuímos facilidades e dificuldades e que possuir uma característica física ou intelectual diferente da maioria não representa uma inferioridade.

Depoimento Celia - mãe de Camila

Minha filha Camila é uma pessoa com deficiência intelectual e a vida foi me ensinando como lidar com a sua deficiência. Sempre tive como meta a sua inclusão na sociedade. Tanto que ela frequentou a escola junto com os irmãos, com a devida supervisão. Após os dez anos, passou a frequentar escola especial. Desde bebê, foi submetida a terapias necessárias até que, aos 15 anos, a escola me solicitou mais uma intervenção: terapia de psicomotricidade. Resolvi não seguir tal recomendação e foi nessa época que surgiu a oportunidade de fazer aula de dança. Claudia Zanello, mãe da Bianca, amiga da Camila, acatou a proposta de Suzie Bianchi de formar um grupo de meninas e lá fomos nós. Desde o início, sentimos o acolhimento, a alegria, o olhar especial de Suzie com as meninas. De repente, lá estavam Camila e as amigas no palco para uma apresentação. E assim foi o tempo passando, as conquistas aumentando até que as alunas dos cursos regulares da academia se propuseram a dançar com as alunas especiais. Em conjunto, criaram um número maravilhoso que acabou num festival de dança no Teatro Municipal de São Paulo! Ali a inclusão avançou.

Com o tempo passando, Camila e as amigas Melina, Alessandra, Vanessa e Fernanda foram adquirindo mais desenvoltura. A cada apresentação, sempre uma surpresa boa. Chegaram também Juliana, Paloma, Gabriela, Priscila, Mary e Rafael. Ao mesmo tempo, a ligação das famílias com a academia foi se estreitando e lá se vão quase 30 anos de convivência. Acabamos formando um grupo maravilhoso: a nossa família Circodança! Juntos, acompanhamos nossas filhas para vários eventos, até irmos parar na Espanha. Foi uma viagem inesquecível e o que eu posso atestar é o quanto essas atividades permitiram que a Camila tivesse progressos em sua parte motora, bem como a participar de um grupo de referência nas artes, no qual formou laços afetivos muito importantes na sua vida. Só tenho a agradecer o empenho, competência e intuição da Suzie, que abriu esse leque de oportunidades para nós, pais, e nossos filhos. E quem é Suzie Bianchi? É a nossa fadinha azul (a sua cor preferida), que transforma nossos filhos em princesas e príncipes e faz a abóbora da vida virar uma carruagem cheia de luz! Esse é meu pensamento poético a seu respeito. Na quarentena, tivemos que nos afastar

fisicamente, mas prosseguimos com nossas aulas em ambiente virtual. É linda a emoção que sinto durante as aulas na internet. Mesmo na tela, lá está a boa energia da Suzie que, com entusiasmo, vai criando um espetáculo com as mães e as filhas! E, assim, vamos colorindo juntos nossas vidas.

Celia Aidar Bondioli



Camila estudou jazz e circo. Fez aulas de *ballet* clássico com o grande bailarino Marco Antônio Gomes. Viajou para a Argentina para realizar aulas de tango com bailarinos do “Ballet Argentino de La Plata”. Participou profissionalmente do início da Trupe Cia. Circodança, chegando a se apresentar em vários teatros consagrados das artes cênicas de São Paulo.

Celia também participou como artista, em nossos espetáculos, e chegou a estar no palco com sua filha, Camila. Foi muito emocionante vê-las juntas em cena. Sempre gostei de inserir todos no palco. Em determinada vez, fizemos uma surpresa, em um dos espetáculos, e chamamos os pais para subirem e dançarem com seus filhos. Foi muito marcante ver a interação dos pais e da plateia neste dia, e eu mesma me senti em um dia especial, pois pude ver meu pai no palco.

Gostaria de ressaltar que acompanhar a evolução dos alunos com diversidade funcional estimulou-me a aprofundar-me na pesquisa sobre prática e ensino de dança para corpos diversos. Nos idos de 1990, as pautas da inclusão e da acessibilidade não eram tão discutidas. Havia poucas pesquisas sobre dança para pessoas com deficiências. O preconceito era maior do que o vivido hoje; muitas pessoas com diversidades funcionais sequer saíam de casa. Era incomum vermos pessoas diversas ocuparem cargos de destaque dentro do mercado.

Mesmo dentro da minha escola, houve um período de estranhamento dos professores e alunos “eficientes”. Mas o preconceito foi diminuindo à medida que os avanços eram percebidos por todos.

Através da prática artística, descobri, junto com meus alunos, um universo permeado por muitas possibilidades. Acreditando na qualidade da técnica que exerciam, criei um grupo de dança para além das aulas e passei a inscrevê-lo em festivais e eventos de dança.



Sofremos diversos preconceitos, pois, ainda hoje, existem pessoas que acreditam que é necessário possuir um corpo este-reótipo pleno, jovem e magro, para ser bailarino. A influência europeia, onde o *ballet* clássico se originou, é tão forte que, no imaginário da maioria das pessoas, uma bailarina clássica necessariamente é branca e possui traços europeus — realidade muito distante de nós brasileiros! Nossa melhor resposta sempre foi o palco. Conquistando boas colocações e vários prêmios, provamos que a igualdade é um caminho possível e real.

Pude notar o empoderamento do grupo, com os aplausos conquistados ao final de cada apresentação, elogios recebidos por profissionais da área. Através da arte, cada bailarino pertencente ao grupo, que realizava as apresentações, conquistou seu espaço na sociedade, como cidadãos plenos de direitos.

Foi neste período que alunos importantes entraram na nossa escola de dança: Melina Gomes Mesquita, Fernanda Muniz, Alessandra Paroni chegaram para agregar ao grupo com características bem diversas, como síndrome de Down, deficiência intelectual e hipotonia.



Fotos da primeira apresentação de Camila Bondioli participando da Trupe Profissional Cia Circodança no Sesc São Carlos em 2009.

Abaixo foto de Celia e Camila dançando juntas com o bailarino e professor Alberto Garcia, na apresentação de final de ano da Cia Circodança, no Teatro João Caetano em 2018.



Acima foto de uma cena inesquecível dos pais em cena dançando com suas filhas em apresentação de final de ano da Cia Circodança no Theatro São Pedro em 2003.

Por volta de 2001, desenvolvi projetos junto a Celia Aidar, em que buscamos parcerias externas. Conheci Ivan David, que, no momento, trabalhava na Secretaria Estadual de Cultura, cujo secretário adjunto era Zélio Alves Pinto. A partir da parceria estabelecida com Ivan e Zélio, nosso grupo realizou apresentações no Teatro Sérgio Cardoso e Teatro São Pedro por cinco anos. Em uma das apresentações do São Pedro, pudemos nos apresentar com o Coral da UNIFESP, que interpretou todo o repertório musical de nosso espetáculo, na época, com músicas de Dorival Caymmi.

Participamos de muitos eventos e organizamos tantos outros. Dentre eles, em colaboração com Joon Sook Seo — campeão paraolímpico de natação e diretor da Saga Natação —, junto com seu sócio Sergio Souza Ribeiro (*in memoriam*), idealizamos o “Evento 24 horas de União”, que aconteceu por dois anos consecutivos. Montamos um palco em frente à Escola Saga Natação e, durante 24 horas ininterruptas, realizamos um revezamento de natação com apresentações artísticas. Na piscina da escola, se revezaram equipes da Faculdade Radial, do Corpo de Bombeiros da Unidade Campo Belo e alunos da Saga Natação.

Gostaria de mencionar que um grande parceiro somou ao trabalho da Cia. Suzie Bianchi no período. Marco Antônio Gomes foi professor de *ballet* clássico na nossa escola e atuou como bailarino em vários de nossos espetáculos.

Depoimento de um grande bailarino

Tudo começou lá em 1997, quando a Suzie me chamou para ministrar as aulas de ballet clássico para essas meninas tão especiais. Interessante foi que nunca havia dado aula para adolescentes com qualquer deficiência. Só havia trabalhado com a formação de profissionais e em companhias de dança. Foi com a turma da Suzie Bianchi que descobri o AMOR de uma outra forma, tão puro e incondicional. Que trabalho gratificante, intenso e diferente! Eu, que estava acostumado a trabalhar com a perfeição dos movimentos e linhas, me deparei com a perfeição de ser, de se expressar cada um do seu jeito e, por que não, também perfeito? Aprendi muito mais do que ensinei e jamais esquecerei da emoção que senti em nossos espetáculos. Que privilégio poder atuar com vocês: Juju, Vanessa, Fernanda, Mel, Camila e Natália, sem esquecer do Fernando, uma pessoa sensacional! Só tenho a agradecer por todos esses momentos e por tudo o que vivi com vocês. Que sorte a minha!!!

Marco Antônio Gomes

“Evento 24 Horas de União” realizado no Bairro do Campo Belo em 1999.



Fotos acima: Ensaio na Academia Suzie Bianchi para o espetáculo “Era Uma Vez” em 1998.



Fotos do espetáculo de final de ano: "Era Uma Vez", da Academia Suzie Bianchi no Theatro São Pedro em 1998

No palco, as apresentações artísticas foram compostas por alunos da Academia Suzie Bianchi e de outras escolas de dança convidadas para o evento. Também participaram atletas de artes marciais, escolas de música e artistas como Peninha e Derico Sciotti, da Banda Jô Soares.

A comunidade do bairro se empenhou em nos ajudar porque o evento era em prol da arrecadação de agasalhos para entidades carentes e doação de sangue para o hemocentro do Hospital das Clínicas. Para além das doações, conseguimos movimentar um público aproximado de 3000 pessoas por evento. Brinco, com meus amigos, que foi nosso evento que inspirou a Virada Cultural da cidade de São Paulo, pois eventos prolongados ainda eram incomuns.

Nossa academia atuava fortemente no ensino de dança, com as modalidades de jazz, *ballet clássico*, dança moderna e flamenco. A troca entre os alunos e professores de linguagens diversas nos permitiu criar coreografias extremamente complexas em seu desenvolvimento técnico.

Sem ter uma intenção formal, aos poucos, formamos um corpo de baile, um corpo de dança. E, ao termos, no nosso grupo, pessoas com diversidades funcionais, estávamos inovando e construindo uma história que serviria (e ainda serve!) de inspiração no mundo todo. Como disse anteriormente, a diversidade sempre foi tão presente nas nossas ações que não havia uma pretensão formal de quebrarmos paradigmas. Tudo aconteceu naturalmente.

O retorno do público, de júris especializados, de críticos de arte e artistas foi o que nos fez perceber o quão relevante era o trabalho que realizávamos, disseminando esta cultura da diversidade.

Participamos de apresentações na Rua Normandia, no bairro de Moema, em São Paulo, apresentações em espaços alternativos, como escolas e universidades, e as apresentações em grandes teatros, como o Teatro São Pedro, durante cinco anos consecutivos, Teatro Ruth Escobar e Teatro do Colégio Santa Cruz.



Foto acima: Suzie Bianchi e Marco Antonio Gomes no Teatro Santa Cruz no Espetáculo Colcha de Retalhos, da Cia Circodança, em 2013.

Por volta dos anos 1997, o contato com o circo me levaria para um caminho que culminaria com a mudança da então Academia Suzie Bianchi para Companhia Circodança Suzie Bianchi. Um dia, minha mãe, assistindo, na TV, ao maravilhoso espetáculo “Saltimbanco”, do Cirque du Soleil, que ainda não era tão famoso no Brasil, me chamou, dizendo: “Venha ver que lindo este espetáculo”. Posso afirmar que assistir a esse espetáculo foi um divisor de águas na minha vida: fiquei tão apaixonada pela cena dos acrobatas aéreos que saltavam de um trapézio em queda livre, presos a um elástico, que pensei: “Quero fazer isso, quero voar!”. Todo o espetáculo era extremamente elaborado: o figurino, o cenário; a trilha sonora foi uma das mais bonitas que já ouvi até hoje.

Fui em busca de uma escola de circo e, através de uma amiga, cheguei aos Acrobáticos Fratelli, em especial, ao mestre e mentor circense do qual devo tudo o que sei e aprendi na prática do circo: Kiko Caldas.

Combinei de conhecer o Kiko no Teatro Paulo Autran, onde realizaria o espetáculo de final de ano da nossa escola, e informei-lhe que gostaria de colocar duas crianças para voar e fazer uma cena mirabolante no nosso espetáculo. Kiko apenas me observava e pensava: “Lá vem mais uma daquelas bailarinas loucas, sem noção alguma do que é voar”. Foi assim que se iniciou uma grande amizade que dura até hoje. Tenho uma lembrança divertida deste encontro, pois hoje sei da complexidade que é “fazer um artista voar na cena”. A segurança em altura, que envolve a montagem com equipamentos idôneos e profissionais especializados, é a prioridade máxima na realização de qualquer cena que tenha um artista fora do chão.

Hoje, dou risada internamente, quando me procuram para realizar eventos de circo com cenas aéreas, pois me remeto ao passado e me recordo daquele dia em que conheci meu mestre das alturas.

Depoimento Kiko Caldas

Dizem que, na vida, existem certas linhas que já vêm escritas para nós. Algumas não têm jeito: teremos que viver; outras, teremos que ser sábios para administrar. Conhecer a Suzie Bianchi acho que foi uma dessas coisas que já estavam traçadas na minha linha da vida, e fico muito feliz com isso, não só pela mulher maravilhosa que é, mas também pelos belos atos que pratica. Uma mulher guerreira, valente, sonhadora e, acima de tudo, realizadora.

Desenvolver o trabalho que sua Cia. desenvolve com pessoas com deficiência é um desafio constante, ao mesmo tempo, um turbilhão de emoções. Já tive a honra de ver de perto aquelas crianças brilhando no palco, e vivenciar isso é algo que trago no coração. Foi curioso como tudo começou. A Suzie, sempre sonhadora, me procurou, querendo fazer aquelas crianças voarem; eu já tinha feito isso inúmeras vezes com outras cias., mas, com a Suzie, foi diferente. Quando tudo acabou, ela olhou para mim e disse: “Quero fazer circo!”. E não é que ela fez mesmo? Foi com a querida Bibi, na sede do Fratelli, minha antiga companhia, e dei algumas aulas para elas. Em pouco tempo, a Suzie já tinha o circo no coração e foi crescendo essa arte dentro do seu trabalho.

Fico feliz de ter influenciado seu amor pelo circo. Tive o prazer também de ver seu galpão nascer; foi um prazer enorme ter podido ajudar e dar palpites com o projeto ainda na planta. Dessa forma, pude ajudar a estruturar aquela futura máquina de realizar sonhos. Caramba... Fecho os olhos agora e me vem a lembrança de estar apresentando o espetáculo de final de ano. Como o tempo passa rápido! Quantas histórias e telefonemas para salvá-la! O circo é assim, vem e nos atropela o coração e, quando o amor bate, aí não tem jeito: é entrar nesse vagão e partir para a próxima aventura, porque, se parar, cria raiz.

Desejo vida longa na trajetória dessa companhia tão maravilhosa. A você, Suzie, deixo todo o meu carinho por ser essa pessoa tão especial.

Kiko Caldas

Além de Kiko Caldas, tivemos a ajuda dos técnicos Paulo Caldas, Paulo Barbuto e Vagner Junqueira. Todos foram extremamente essenciais para o desenvolvimento de nosso trabalho e para o aprendizado e legado que deixaram para Flavio Santos da Silva, um dos técnicos que hoje trabalha conosco.

No galpão do Acrobático Fratelli, com Kiko Caldas, aprendi a técnica aérea de corda indiana, aparelho milenar pelo qual me apaixonei de imediato. Quando iniciei minhas aulas, Tayna Caldas, filha de Kiko, era ainda bebê e sempre brincava nos colhões de segurança. Lembro-me que um dos exercícios que mais tive dificuldades para realizar, no aprendizado da técnica circense, foi dar cambalhotas. Cambalhotas! Que são tão fáceis para a maioria das pessoas. Cambalhotas, que Tayna, bebê, realizava divinamente! Meu mestre querido me animava, dizendo: “Vai, Suzie, tenta! Olhe, até a Tayna consegue; você vai conseguir!”.



Foto do Espetáculo “Colcha de Retalhos” da Cia Circodança, no Teatro Santa Cruz em que Kiko Caldas nos deu a honra de ser nosso “Mestre de Cerimonia”, em 2013.



Fotos da primeira apresentação de circo da Academia Suzie Bianchi com o espetáculo: “A Dança Conta o Circo”, no Teatro Sergio Cardoso em 1997 e que contou com a participação do Grupo Acrobático Fratelli.



Bons tempos aqueles em que as brincadeiras me levavam às alturas. Foi assim que minha trajetória circense se iniciou. Eu estava com 32 anos, idade considerada avançada para começar a prática circense aérea. Naquele ano, criei meu primeiro espetáculo unindo a dança e o circo. Chamado “A Dança Conta o Circo”, foi montado com mais de 100 alunos de nossa escola e tinha um imenso cenário com o desenho de um palhaço. Essa foi minha estreia na corda indiana, na qual tive a honra de estar acompanhada pelo Grupo Acrobático Fratelli. Generosamente, eles também participaram de outros números do espetáculo com apresentações de trapézio e perna de pau.

Foi uma megaprodução: com montagem de alguns bichos infláveis gigantes do grupo Parlapatões no saguão do teatro, crianças vestidas de coelho saindo de uma cartola gigante em um número de mágica, maquiagens acentuadas, fortemente influenciadas pelas caracterizações do Cirque du Soleil.

A partir de “A Dança Conta o Circo”, as apresentações de final de ano da escola de dança eram sempre muito elaboradas e com temas específicos, como: “Os Elementais”, “Era Uma Vez”, “Colcha de Retalhos”, “Cenas da Vida”, “Sons, Ecos e Pausa”, “Da Telona para a Lona”, “A Roda da Vida”. Os espetáculos foram apresentados em teatros como São Pedro, Santa Cruz, Ruth Escobar, Vida e Consciência, João Caetano, Paulo Eiró e Cleyde Yácones.

A linguagem circense entrou tão fortemente na escola de dança que formamos um grupo para realizar apresentações e performances em eventos sociais, corporativos e também em unidades do SESC SP, que se tornou um dos nossos grandes parceiros.

Nas fotos abaixo, apresentação realizada na área de convivência do SESC São Carlos no “Simpósio de Atividades Físicas Adaptadas”, do qual chegamos a participar por seis anos consecutivos.

Não poderia deixar de mencionar, nesse momento, a participação de Carla Peniche, que foi uma de nossas alunas mais apaixonadas pelas artes circenses. Para além da frequência por mais de dez anos consecutivos nas aulas, esteve conosco atuando como artista e trabalhando como assistente de palco, nos bastidores, nas coxias e camarins dos teatros e eventos dos quais participávamos.

O desejo de nos profissionalizarmos foi crescendo e se tornando realidade com a entrada de alguns alunos-artistas que passo a mencionar adiante.

Fotos da apresentação da Trupe Cia Circodança no Sesc São Carlos em 2009

40

41



Acrobatas,

Bailarinos

e suas

Multidiversidades

Melina Gomes Mesquita, a Mel, como costumamos lhe chamar, é uma artista com síndrome de Down e, além de excelente bailarina, possui uma memória incrível para gravar as coreografias, característica que me causa inveja, pois memorizar passos e decorar coreografias e textos, desde sempre, foi uma de minhas maiores dificuldades na prática artística. Preciso de muitas repetições para que os movimentos fiquem gravados em meu corpo e minha mente.

Além das aulas de *ballet* clássico, Melina despontou nas aulas de dança de salão, com as quais realizou inúmeras apresentações com seus professores e coreógrafos Deividi Pinheiro e Alberto Garcia.

Com o tempo, Mel passou a frequentar as aulas de circo, o que me surpreendeu, pois eu sabia do medo que ela tinha de altura e também conhecia algumas dificuldades que tinha em executar exercícios que exigiam muita força. Para quem não sabe, uma das características da síndrome de Down é a hipotonia muscular — a diminuição do tônus dos músculos de todo o corpo —, e, no circo, há exigência da força e tônus muscular para a realização das técnicas aéreas. O que, a princípio, poderia parecer um paradoxo foi a comprovação de que, quando a aplicação da técnica artística é realizada respeitando as características singulares de cada um, pode ser executada em um nível de alto rendimento. É importante ressaltar que, no caso da Mel, houve uma dedicação extrema da parte dela e um tempo considerável que foi necessário para que ela chegasse a executar números com excelência profissional.





Foto acima: performance realizada pelas artistas Suzie e Mel no Rumos Itaú em 2000.

Percebendo o desenvolvimento da Mel, resolvi propor para seus pais, Mércia Gomes Mesquita e Sergio Mesquita, a criação de um projeto de dança contemporânea com o tema dos quatro elementos: terra, fogo, água e ar. O projeto foi contemplado pelo edital Rumos, do Itaú Cultural, um dos principais e mais concorridos editais de dança do país. A criação da performance proporcionou uma articulação com pessoas importantes do cenário artístico no momento, pois tanto Mércia quanto Sergio trabalhavam com produção de cinema e TV. A irmã da Mel, a atriz Mariana Lima, também se envolveu no projeto. Conseguimos, com isso, ter a iluminação de Guilherme Bonfante e direção de arte de Marquinhos Pedroso. Em conjunto, eles criaram um cenário contemporâneo, não realista, onde imagens foram projetadas em momentos intercalados com a realização da performance.

O desejo de desenvolver um projeto artístico para além das apresentações da escola e de eventos corporativos se concretizou.

Depoimento Melina

Eu entrei na Escola Circodança quando era uma criança e continuei no grupo da Suzie. A minha vida é a dança. Aprendi muito na companhia e hoje eu sou uma dançarina profissional e atriz.

Melina Gomes Mesquita

Depoimento Mércia - mãe da Melina

Eu não poderia imaginar, quando chegamos na casa na Rua República do Iraque, para conversar com a Suzie, vinte e cinco anos atrás, que as perspectivas profissionais e de vida da Mel iriam mudar para sempre. A Suzie foi mais do que a coreógrafa, dona da escola de dança e ballet. Ela despertou os sentidos, a expressão corporal que estavam dentro de cada ser que ela recebeu. Recebeu com serenidade, paixão e muito amor. Vou agradecer, até o fim dos meus dias, os rumos, as métricas, os passos, os saltos, o respeito que ela ensinou para minha filha, e que tudo é possível, com perseverança.

Mércia Gomes Ferreira Lima

Comento, sobre essas fotos, que a Melina tem uma personalidade mais introspectiva e séria. Porém, no palco, ela se transforma e é possível contemplarmos seu sorriso cativante em vários momentos. O fotógrafo Paulo Barbuto conseguiu captar alguns desses instantes.

Depoimento Mariana - irmã de Melina

Quando minha irmã Melina começou a fazer aulas de dança com a Suzie, achávamos que seria só mais um trabalho de apoio no desenvolvimento das enormes potencialidades expressivas da Mel — esse é o apelido dela, em casa e na Cia. Mas, quando um trabalho é feito com amor e interesse genuíno pela força das expressões que estão fora do padrão do que acreditam ser o “certo”, um mundo novo de possibilidades se revela. A Mel cresceu com a Suzie e o trabalho na companhia. E nós com elas. Melina cresceu como mulher, como artista e bailarina. Sou artista também e sei que não caminhamos no nosso ofício sem esforço e trabalho diário, persistência e, com isso, aprendemos a lidar com o fracasso, o sucesso e a instabilidade que acompanha a vida de um artista no Brasil. A Cia. Circodança desenvolve essa percepção, através de um trabalho incansável, persistente e de uma beleza que me arranca as lágrimas mais doces, de admiração e orgulho. Não é porque sou irmã da Mel só, irmã apaixonada: “Vida de Circo” é um dos espetáculos mais bonitos que vi na vida, e olha que já vi muita coisa nesses quase 30 anos de carreira. Viva a Circodança! Viva essa mulher que tanto admiro, Suzie Bianchi! Vocês são um patrimônio do nosso país. Viva minha irmã Mel, que é essa bailarina linda, e toda a Companhia! Viva! Vida longa e próspera!

Mariana Lima

Depoimento Pedro - irmão de Melina

O trabalho da Suzie Bianchi sempre me impressionou pela mobilização daquela força ativa que não descansa na crítica dos outros, daquela força que é visível a olho nu. A Melina Mesquita, minha irmã, claramente se beneficia desse trabalho incrível. Ela o vive durante o espetáculo que realizam e fora dele também, de maneira que vemos o sucesso desse trabalho não só pelo que ele representa fora, na sociedade, na inclusão, mas também dentro, de quem celebra a arte, seja ele quem for.

Pedro Lima



Foto de Cecilia Iida na apresentação de final de ano da Academia Suzie Bianchi no espetáculo :“Era Uma Vez” no Theatro São Pedro em 1997

Cecilia Iida entrou em nossa escola em 1998, através da indicação da professora Isabella Pharinas, que ministrava aulas de jazz na Escola Revolution. Bailarina pronta, fazia todas as aulas de clássico, moderno e flamenco com o professor Carlos Amorim, que acabei conhecendo por sua indicação.

Ceci sempre me dizia: “Você precisa conhecer o Carlinhos!”. Posteriormente, vou relatar alguns fatos inusitados deste encontro que Ceci nos proporcionou.

Cecilia tem uma história com a Cia. Circodança de muitas transformações e grandes aprendizados. Em 1999, estávamos na construção de um espetáculo chamado “Os Elementais”,

que seria apresentado no mês de dezembro e no qual ela atuava em quase todas as coreografias.

Quatro meses antes da estreia, ela sofreu um acidente de carro que lesionou sua coluna, entre as vértebras T5 e T12, se tornando cadeirante. Ficou recolhida por cerca de um ano, por conta dos tratamentos e adaptações necessárias à sua nova condição. Um dia, Carlos Amorim me procurou dizendo: “Penso que está na hora da Cecilia voltar a dançar; isso vai trazer vida e alegria para ela novamente”.

Fiz o convite para ela voltar a dançar e, com seu aceite, passei a pesquisar sobre dança com cadeiras de rodas. Por obra do destino, mais um paradigma da Cia. Circodança havia sido quebrado. Como bailarina experiente, já possuía as noções de postura e equilíbrio. Fomos descobrindo, juntas, possibilidades coreográficas e de construção de cenas, pois ela voltou a atuar no grupo profissional.

Montamos uma coreografia chamada “Liberdade”, com a qual nos apresentamos em muitos locais. Foi com essas apresentações que pudemos perceber a potência artística daquela bailarina em sua nova condição.

Foi através da vontade e do desejo de dançarmos juntas que nasceu a Cia. Circodança profissional. Passamos quatro anos pesquisando sobre a dança em cadeira de rodas. O circo entrou na história de Cecilia com o convite da Profª Camila Vaz, para que ela experimentasse a lira, um aparelho aéreo circense. Com o equipamento, criamos uma performance chamada “Entre-corpos”, coreografada por um coletivo composto de alunos e professores de nossa escola.

Ceci também participou do primeiro espetáculo profissional que deu início à nossa Trupe Cia. Circodança, o espetáculo “Los Hermanos”, e do início da montagem do espetáculo “Conexões”.



Depoimento Cecilia Iida

Dançar foi essencial para minha reabilitação! Poder dançar foi a melhor coisa! Eu já era aluna na academia! E quando sofri o acidente em ago/2001, a Suzie prontamente me inseriu na dança com minha nova condição! Aprendemos muito juntas! E sou eternamente grata a ela por todas as oportunidades de fazer arte e trazer consciência para o mundo!

Cecilia Iida

Fotos: Cecilia Iida na apresentação da escola Circodança no espetáculo: Sketes, Cenas da Vida, no Theatro São Pedro em 2004.





Dançar e estar em cena com a Cecília era de uma energia inexplicável! Gostaria de deixar registrada minha eterna gratidão por ela me proporcionar uma troca tão rica ao longo dos anos que partilhamos no palco juntas.

Com a criação do grupo profissional, plantamos diversas sementes. Todos os nossos profissionais possuem registro nas Delegacias Regionais de Trabalho, os famosos DRTs de artistas. Recebo inúmeros relatos de pessoas que se sentiram inspiradas após assistirem a alguma de nossas apresentações.

Desejo que este registro inspire outras pessoas a expandirem seus limites. Que possamos enxergar todos os seres humanos para além de suas características físicas.

Através de Cecília, conheci Andre Ferreira, outro bailarino que fez parte de nosso grupo profissional, atuando nos “Los Hermanos” e “A Roda”. Juntos, realizamos a oficina denominada “Dança Sobre Rodas”, no SESC Presidente Prudente, e a performance de tango que fazia parte do espetáculo “Los Hermanos”, entre 2010 e 2013.



Carlos Alberto Amorim, diretor e roteirista, foi professor de flamenco durante cinco anos em nossa companhia profissional e dirigiu e roteirizou dois de nossos espetáculos, “A Roda” e o premiado espetáculo “Vida de Circo”.

Meu encontro com o Carlinhos foi anterior à apresentação da Cecília, mas só soube disso depois. Acredito nas conexões que a vida nos proporciona. Realizei uma visita técnica ao Teatro Paulo Autran para uma de nossas várias apresentações. Neste dia, o palco estava montado com um cenário da peça em cartaz. Lembro-me até hoje das várias luzes no chão que compunham o cenário daquela peça. Quando cheguei ao teatro, alguns artistas estavam no palco e tive que pedir licença para poder entrar no espaço. Prontamente, um rapaz alto, com um sorriso largo, me respondeu: “Fique à vontade, o palco é todo seu”. Realizei minha visita em todos os ambientes do teatro, enquanto era observada pelo rapaz, que pensou: “Que moça com uma energia bonita...”. Anos depois, quando a Ceci foi me apresentar para o Carlinhos, ele disse, quando me viu: “Olha só, a moça bonita do teatro. Eu a conheço!”. E então ele nos contou sobre o dia da visita no Paulo Autran.

Penso que a vida se encarrega de nos trazer as pessoas que precisam chegar até nós e que, por vezes, os encontros acontecem de forma inusitada para que as conexões sejam criadas.

Trabalhar com Carlinhos é uma honra e uma benção. Ele é uma das pessoas mais doces que já conheci na direção de um espetáculo. Consegue nos passar tranquilidade, autoconfiança, ao mesmo tempo que dá direção ao que parecia estar tão confuso e difícil de realizar nas cenas propostas.

Não tenho palavras para agradecer pela oportunidade de trabalharmos e contracenarmos juntos. Antes da entrada de Carlinhos na Cia. Circodança, eu e Wilson Helvécio nos dividíamos nas funções de dirigir, ensaiar e coreografar. Com sua chegada, foi possível tornar realidade a nossa vontade de profissionalizar os espetáculos.



Foto de Carlos em apresentação da Cia Circodança no Theatro São Pedro em 2007.

Depoimento Carlos Amorim

Aos meus 41 anos de profissão como circense, ator e diretor, posso afirmar que os melhores artistas com quem trabalhei foram os especiais da Cia. Suzie Bianchi. Com tamanha disciplina, compraram minha obra de corpo, coração e alma.

Foi um presente abençoado.

Gratidão e boas lembranças levarei para sempre!

Carlos Amorim

Wilson Helvécio, bailarino e coreógrafo da Trupe Cia. Circodança há 25 anos, também tem uma história comigo sobre as conexões que a vida cria: ambos participávamos das aulas do Grupo Raça nos anos 80 e, com certeza, nos esbarramos naquele período.

Ele chegou em nossa companhia através de uma das alunas, que o indicou para participar de uma coreografia de jazz. Desde então, não nos separamos mais. No início, foi meu parceiro nas ideias e nas questões mais práticas dos espetáculos, como produção e gestão.

Com ele, me apresentei em palcos abertos, eventos de rua, espetáculos e workshops corporativos e em eventos por todo o Brasil antes do grupo profissional existir. A vontade e o desejo do grupo profissional surgiram a partir da minha parceria com Wilson e Cecilia e nossa pesquisa de dança para cadeirantes. No início dos anos 2000, era incomum assistir a um cadeirante dançar em palcos profissionais. Realizamos várias oficinas intituladas “Dança Sobre Rodas” e, com elas, pudemos difundir nossas práticas sobre diversidade, inclusão e acessibilidade.

Wilson possui formação profissional em *ballet* clássico, jazz, Horton pela Alvin Ailey American Dance Theater, e em pilates para bailarinos, pelo The Pilates Studio Inélia Garcia. Ministrou aulas para os alunos da Escola Municipal de Bailados de São Paulo e atualmente também trabalha com alunos do Ballet Paraisópolis.



Foto acima: Wilson Helvécio em apresentação da Academia Suzie Bianchi no Teatro Paulo Eiro em 1998.

Depoimento Wilson Helvécio

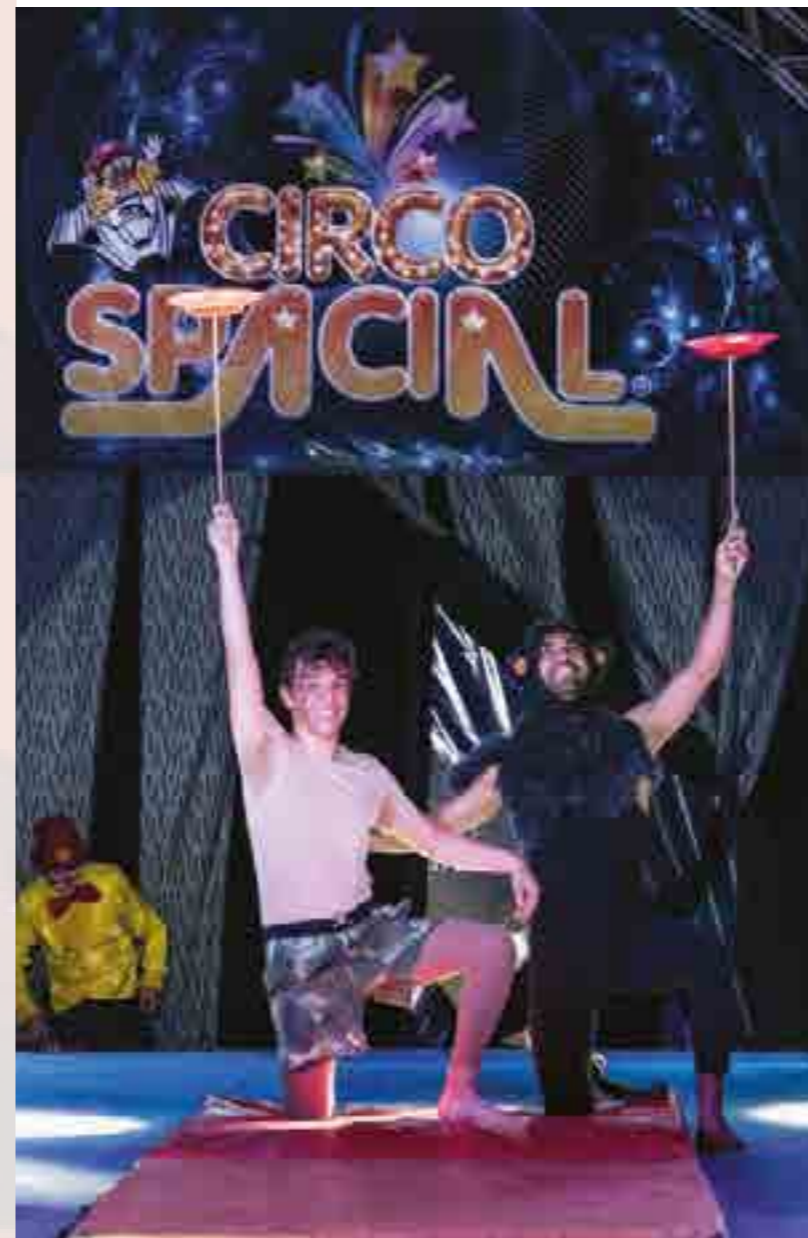
A Cia. Circodança, em minha vida, se traduz em uma história que transcendeu as simples relações, se transformando em uma grande família, lugar de muito aprendizado, cumplicidade, parceria, amadurecimento profissional e evolução espiritual. Afinal, são 25 anos de muitas vivências, que foram, ao longo de cada etapa, criando uma linha do tempo edificada por uma construção sólida pautada por um ideal no simples olhar, no qual a arte seria a ferramenta para romper barreiras. Fui contemplado ao ser apresentado à beleza e potência que há nas diferenças e de como isso nos completa. Assim, aprendi que nenhuma relação dura tanto tempo se não houver verdade e amor no que se faz. Em todo esse tempo de trabalho e convivência, me foi apresentado um universo com uma multiplicidade que me torna uma pessoa mais simples em todos os sentidos.

Sinto-me feliz e grato pelo presente de pertencer a esse lugar e pelo privilégio dessa união com Suzie Bianchi e Carlos Amorim, na qual uma linda história foi escrita, que nada poderá apagar.

Wilson Helvécio



Foto: Cecilia com Wilson no espetáculo "A Roda da Vida" da escola Circodança no Teatro Santa Cruz em 2006.



Flavio com seu aluno Vitor Baraldi Camera Castro no espetáculo de final de ano da escola Circodança, realizado no Circo Spacial em 2018.



Flavio Santos da Silva, acrobata, professor, coordenador e coreógrafo da Cia. Circodança entrou para a Academia Suzie Bianchi em 1999; tem uma história semelhante à do bailarino Tatito. Flavinho, como carinhosamente o chamamos, morava em uma comunidade carente vizinha à nossa escola de dança e chegou até nós porque acompanhava sua irmã, que fazia aulas de dança e circo conosco. Começou realizando aulas de dança para, em seguida, participar também das aulas de circo, nas quais melhor se integrou.

Com muito entusiasmo, ele se tornou um dos melhores alunos de nossa escola. Assim que iniciou as aulas de circo, pude perceber um talento profissional que precisaria ser lapidado. Após alguns anos, passou a ser assistente pedagógico nas aulas e se especializou como técnico circense, realizando formações com os profissionais Paulo Barbutto, Paulo Caldas, Vagner Junqueira e Kiko Caldas.

Atualmente, possui certificação NR35, que o torna apto para realizar montagens em aparelhos aéreos e, além de ser professor da escola de circo, coordena as parcerias de ensino contínuo em períodos de contraturno, que desenvolvemos com escolas formais de ensino fundamental e ensino médio.

Sempre acreditei no poder revolucionário e transformador das artes. E, por ter consciência de que vivemos em um país com grande desigualdade social, mantive, durante todo o funcionamento da escola, um programa de bolsa de estudos para que crianças e adolescentes interessados na prática artística pudessem realizar qualquer uma de nossas aulas de seu interesse de forma gratuita. Ênfase que não há um caráter assistencialista nessa diretriz da Circodança. Simplesmente somos coerentes com o nosso discurso de inclusão: quando afirmamos que todos são bem-vindos, nos referimos também àqueles que não podem nos pagar financeiramente.

Flavinho foi um de nossos alunos bolsistas.

Ele se tornou uma peça central da Circodança, porque, para além da atuação como professor e técnico da Cia., exerce também as funções de bailarino e coreógrafo profissional da companhia.

Convivendo com a diversidade desde que iniciou as aulas em nossa escola, ao longo dos anos, Flavinho passou a dar aulas de circo para pessoas com diversidade funcional. Seguindo a diretriz de observar atentamente cada aluno, desenvolveu um método particular de lidar com alunos com autismo, criando uma técnica sensível e delicada, que foi construída aos poucos e amparada pelas famílias dos alunos e embasada em pesquisas realizadas em parcerias com profissionais do campo da saúde, da arte e da pedagogia.

Quando, hoje, observo as aulas do Flavinho, reflito sobre como a troca, a escuta, o afeto, a resiliência e a persistência são fatores determinantes para a pedagogia da arte. Quando iniciou na nossa escola, ele realizou aulas com alunos com diversidade funcional. Anos depois, ele, já como professor, estava trazendo um aluno com autismo para participar do espetáculo de final de ano, realizando algumas cenas em conjunto com artistas de nossa equipe profissional. Mais do que uma teoria hermética, a convivência e a prática permitiram que ele se interessasse pela inclusão e pudesse, então, criar uma técnica própria para lidar com alunos diversos.

Depoimento Gisele - mãe do Victor

Meu nome é Gisele, sou mãe do Victor, que, atualmente, tem 20 anos de idade e teve a experiência de ter aula na Cia. Circodança Suzie Bianchi com o professor Flavio, chamado carinhosamente pelos alunos de Flavinho. Victor é meu filho mais velho e foi diagnosticado com transtorno do espectro autista aproximadamente há 12 anos, quando estava com a idade de oito anos. Apesar de bem desenvolvido do ponto de vista motor, tinha déficit de atenção, hiperatividade e baixa tolerância à frustração. Ao mesmo tempo que acreditávamos que Victor conseguiria se adaptar à proposta com as devidas adaptações, tínhamos dúvidas com relação ao seu aproveitamento, devido às experiências anteriores em outras atividades esportivas e artísticas. No entanto, com o passar do tempo, Victor foi ganhando repertório, equilíbrio, força muscular e, com a atenção sendo dirigida pelo Flavinho, Victor foi conseguindo se manter mais atento para executar os comandos e realizar as propostas de atividades com começo, meio e fim. Foi surpreendente sua evolução!!! Nunca imaginamos que ele conseguiria interagir com o tecido acrobático, subir, descer, fazer nó, enrolar na perna, no braço, virar cambalhota, se equilibrar, andar com perna de pau, subir no trapézio, executar comandos direcionados na cama elástica... Enfim, o circo trouxe para o Vi um ganho de repertório motor incrível, bem como desenvolveu nele muitas habilidades cognitivas, como atenção, memória, autorregulação, sequenciamento. Além disso, trouxe autoestima e alegria!

Tudo isso foi resultado de um trabalho de muitos anos realizado pelo professor Flavinho, que estabeleceu um vínculo afetivo, saudável, buscou recursos adequados para lidar com os comportamentos não funcionais que Vi apresenta durante as aulas, transformou dificuldades em oportunidades, tanto para ampliar sua própria experiência como profissional, como para desenvolver as habilidades do Victor. Abraçou o desafio com vontade e acreditou no potencial do Victor, fazendo com que ele mesmo também acreditasse e não desistisse. A apresentação de final de ano que a cia. organizou, em 2019, nos presenteou com um show de acrobacias, com a participação do Vi emocionante! Agradeço eternamente a dedicação e o profissionalismo deste professor e o olhar respeitoso e inclusivo desta escola, que faz, de seu pequeno espaço, uma gigante tenda de circo, capaz de acolher a diversidade com responsabilidade!!!!

Gisele da Silva Baraldi

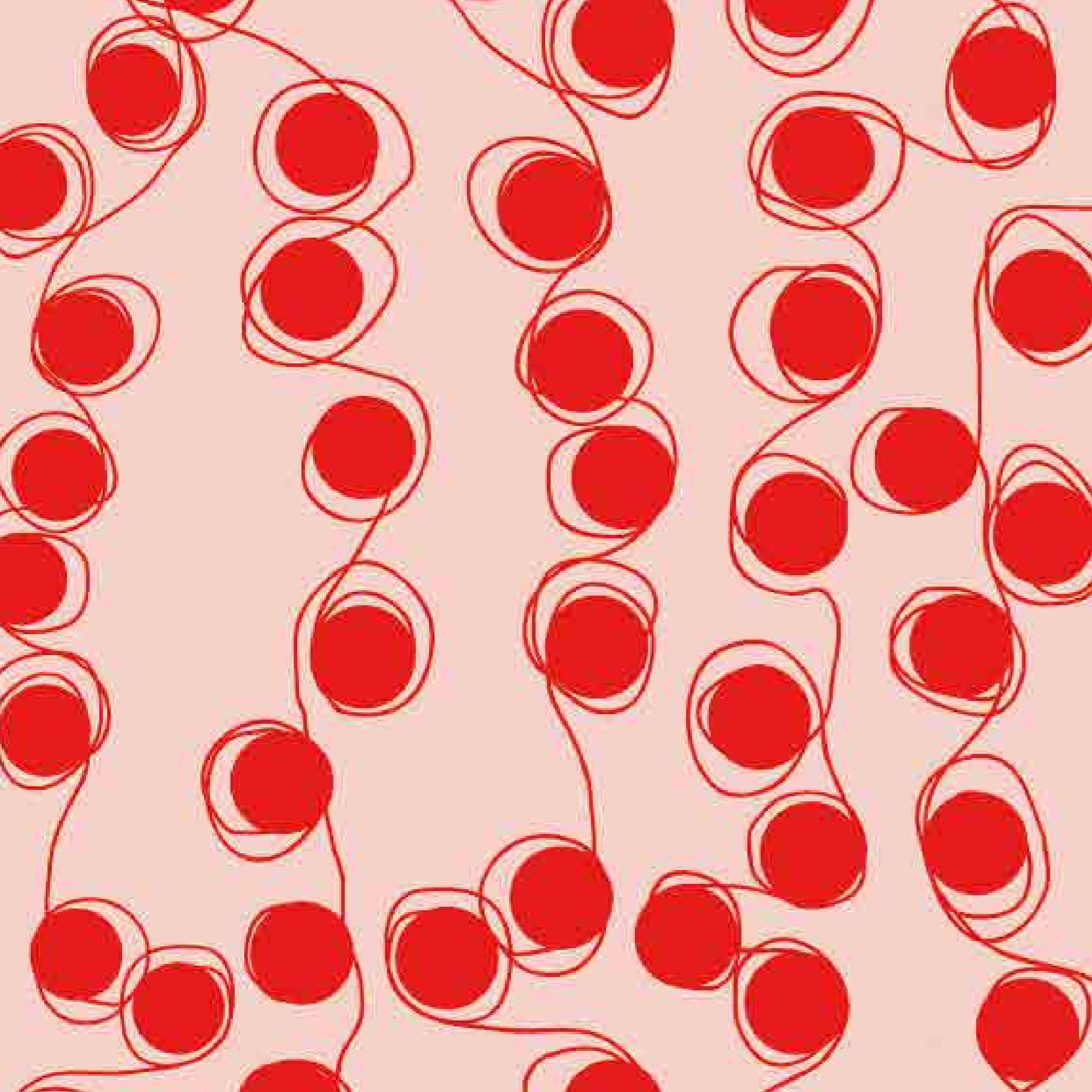
Depoimento Flavio

Participar do grupo profissional da Cia. Circodança era um sonho de criança meu, pois acompanhei o grupo desde sua formação. Meus olhos brilhavam quando assistia aos espetáculos, ao mesmo tempo que me sentia feliz por poder presenciar o desenvolvimento do grupo profissional. No princípio, não pude estar no grupo, pois ele era um grupo de dança e minha formação é circo. Eis que a grande oportunidade chegou quando o diretor Carlos Amorim criou o espetáculo "Vida de Circo" e me convidou para participar do grupo. Ali vi a oportunidade de realizar meu grande sonho. Além de participar do grupo profissional como artista, criei números circenses para espetáculos e atualmente sou o responsável técnico do grupo. Foi um presente que caiu do céu! Meu sentimento é de felicidade por poder fazer parte do grupo profissional, pois gosto e acredito muito na proposta da cia., em todos os projetos dos quais participo.

Flavio Santos da Silva



Fotos acima: primeira apresentação que Flavio participou com a Trupe Cia Circodança. Um número de tecido acrobático realizado com a cadeirante Julie no Sesc São Carlos em 2009.



Encontros Inexplicáveis



Toda a técnica, pedagogia e disciplina da arte nos conduzem para uma execução perfeita. Porém, há um ponto em que a arte flui por si só e não há como explicar isso. Dividir a cena com alguém nessa quase transcendência é algo raro. Tive o privilégio de vivenciar essa experiência com Fernando José Braga Romano.

Grande bailarino e palhaço, possui o dom de encantar as plateias por onde passamos, com seu sorriso e alegria únicos. Quando sua mãe me procurou, para que lhe desse aulas, não imaginava a dupla potente que iríamos nos tornar.

Nando, apelido pelo qual gosta de ser chamado, realizou meu sonho de encontrar um parceiro fixo para apresentações de dança. Ele tem um talento e habilidade naturais para a dança. Realizou, na nossa escola, aulas de jazz, dança moderna, flamenco, circo e tango, essa última, sua grande paixão.

Por conta do tango, viajamos, algumas vezes, para a Argentina, para estudar mais apuradamente a técnica. Lá, criamos uma performance que seria nossa marca registrada ao longo desses 18 anos em que dançamos juntos.

Por aqui, realizávamos um trabalho árduo de ensaios, aulas e treinos para chegarmos à execução perfeita dos movimentos.

Além das viagens para Buenos Aires, Beatriz, mãe do Nando, nos proporcionou viajar para Nova York para cursos de dança de salão na Broadway e um curso de Horton na Alvin Ailey American Dance Theater em 2011 e 2012, e, neste mesmo período, fui convidada pelo TeatroStageFest e com parceria com o Latino International Theater Festival of New York e Alliance for Inclusion in the Arts para ministrar um workshop de danças brasileiras para pessoas com deficiência e para aqueles com especial interesse no conteúdo deste encontro e nas performances com artistas com deficiência.

Das muitas recordações que tenho com ele, uma ficou marcada para mim para toda a vida: quando dançamos com a Orquestra do Maestro Renato Misiuk. Naquele dia, a sensação era de que não pisávamos no chão, mas dançávamos suspensos no ar, como se estivéssemos flutuando, embalados pelos instrumentos sendo tocados ao vivo.

Nando sempre foi a alegria por onde passava e, em cena, esta alegria transbordava e atingia todos que estavam na plateia. Nossa conexão era e é tão profunda que acredito que nosso encontro já estava escrito nas estrelas.



Fotos: Fernando no espetáculo de final de ano da escola Circodança no Theatro São Pedro em 2003 e no Teatro Santa Cruz em 2007.



Depoimento Beatriz - mãe do Nando

Grávida de meu primogênito, apaixonei-me por ele assim que senti o seu coraçãozinho batendo em compasso com o meu, no meu ventre. Ou assim que senti seus primeiros movimentos, ritmados, como em um compasso de dança; parecia curtir as músicas que costumava ouvir durante a gravidez, o que definiria sua vocação, tempos depois. Depois de ouvir o diagnóstico do meu médico e a possível expectativa de futuro, desanimadora, por sinal, imediatamente lembrei-me de minha mãe: “Filha, não mostre seu problema a Deus, mas apresente Deus a seu problema”. Como uma leoa, imediatamente comecei a lutar pelo meu pequeno e frágil filhote. Busquei todo tipo de tratamento, desde medicação, fisioterapia e quaisquer alternativas de que a ciência dispunha.

Foi assim que ele iniciou sua batalha pessoal. Durante seus primeiros meses de vida, o tratamos no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Cada hora vencida, cada dia, cada semana; depois, cada mês, cada ano eram creditados à bondade de Deus e à intercessão de Maria. Planejei uma academia em nossa casa, com diversos aparelhos, e contratamos uma equipe multidisciplinar com fisioterapeuta, psicopedagoga, neurologista, fonoaudióloga, entre outras. Esqueci-me de mim mesma e coloquei aquela missão como prioridade. Meu pai deu-me todo apoio e respaldo, assim como mamãe, cuja fé era inabalável. Lembro-me de um carrinho carregando uma pequena orquestra em cima, e Nando brincando, feliz da vida, ouvindo aquela musiquinha.

Parte deste gosto, possivelmente, já veio no seu DNA: meus pais adoravam dançar e ouvir boa música. Nando cresceu naquele ambiente festivo. Sempre pude contar com babás maravilhosas e competentes, que cuidavam com zelo e carinho de meu filho. Graças a meus avós, meus pais e a família, Nando foi evoluindo.

Chegou o tempo de novos aprendizados e, por mais que pesquisara, não encontrei a escola ideal para atender às necessidades de Nando. Foi então que decidi investir na adequação de uma casa de ensino que atendesse nossas expectativas: minhas e de meu filho — a Escola Trilha. Ele apresentava progressos, mas faltava aquele algo que o empolgasse de fato.

Foi então que apareceu a dança e pude testemunhar o brilho nos olhos de meu amado filho a cada ensaio, a cada apresentação, sob a supervisão da professora Suzie Bianchi, a quem devo minha gratidão.

Nesse período, ele estava com 12 anos. Percebendo a inclinação dele para a dança, resolvemos matriculá-lo em uma escola de tango em Buenos Aires.

Esta experiência solidificou sua vocação. Ele também adora cantar; nas festas, fica difícil tirar o microfone das mãos dele. Também pude oferecer a ele passeios incríveis, viagens inesquecíveis que sempre contribuem para nossa evolução. Aprendi isso também com a avó Myrths e, sempre que foi possível, Nando pôde conhecer lugares maravilhosos e desfrutar de companhias agradáveis. Quando Nando está em meu colo e pede cafuné para dormir, entendo por que ele seria sempre meu companheiro, meu porto seguro, ponto de referência para dar valor à vida e a tudo que dela recebemos. O amor de meu filho é a resposta de Deus.

A evolução de meu filho Nando ficou evidente quando ele ingressou na Escola Cia. Circodança, a cargo de Suzie Bianchi. Foram quase 18 anos, e posso afirmar que foram múltiplas conquistas: foi um dos primeiros alunos nossos que conseguiu o DRT de bailarino, o que lhe concedeu o título de profissional de dança, com carteira assinada. A formação em teatro comprovou seu talento como artista e, com a ajuda de bons profissionais daquela escola, conseguiu decorar textos, apresentar coreografias incríveis, desenvolver habilidades em dança contemporânea, como o tango, por exemplo. Sua performance como palhaço, orientado pelo reconhecido professor Carlinhos, foi impecável. Todas estas atividades contribuíram para seu desenvolvimento físico, motor e cognitivo, que foram sendo descobertos pelos orientadores e sendo trabalhados progressivamente. Minha mãe Myrths acompanhou tudo isto de perto e compartilhava seu orgulho com a família: espetáculos de dança de tango (aqui e na Argentina), aulas de flamenco em Madri, os cinco espetáculos belíssimos no suntuoso teatro São Pedro, em São Paulo, no teatro do Colégio Santa Cruz e, principalmente, nos teatros do SESC, onde Nando era figura querida na trupe de profissionais da Circodança. Vale acrescentar também a participação de meu filho nos jantares beneficentes, com Papete, dos quais sobressai aquele em que Nando apresentou-se com música ao vivo, a cargo da orquestra sinfônica de Renato Misiuk. Meu garoto estava, significativamente, com toda concentração na música, incrível seu desempenho. Só posso agradecer por tanto amor e dedicação com que apoiaram Nando. Acreditaram no potencial dele e de tantos outros e fizeram um excelente trabalho, valorizando os talentos individuais, sem qualquer discriminação. Obrigada por não desistirem de meu filho.

Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que a permanência do Nando na Cia. Circodança, durante quase 18 anos, foi o grande diferencial no desenvolvimento dele: desenvolveu novas possibilidades, melhorou a autoestima, a saúde física e mental, despertou-lhe a alegria de viver, permitiu estabelecer vínculos de amizade, de afetividade, de certa autonomia e, principalmente, a capacidade de sonhar.

Esta experiência solidificou sua vocação.

Beatriz Setti Braga Romano





Depoimento Andre Neumann

A influência e o impacto que a sua escola e, principalmente, seu trabalho tiveram na vida do Fefe foram enormes. Sempre me impressionou a desenvoltura e a presença dele nos palcos e confesso que sinto “uma ponta de inveja” de não conseguir dançar como ele. Ele sempre se esmerou em você, e você e sua escola foram responsáveis por isso tudo. Parabéns, Suzie!

Andre Neumann

Foto ao lado: Suzie e Nando em Evento da Papet com a participação da Orquestra e regência do Maestro “Renato Misiuk”.

Para além das apresentações de tango, também realizamos apresentações de dança flamenca após fazer aulas com a professora Ana Marzagão, que generosamente coreografou um número no espetáculo criado para a comemoração dos 30 anos da Cia. Circodança.

A dança flamenca é tão complexa quanto o tango. O grande bailarino Mikhail Baryshnikov respondeu, quando lhe perguntaram “Qual, de todas as modalidades da dança, você pensa ser a mais complexa?”: “Dança flamenca”.

Fecho este capítulo com uma foto que é plena “luz” que alimentou minha alma. Uma frase que está presente na fala de muitas pessoas, dentre elas, Edson Martins, Ana Maria Carvalho do Grupo Cupuaçu e também está na Casa Amálgama “a arte e a cultura como alimento”.

Obrigada, Nando querido, por todo carinho, amor, alegria, afeto, garra, paciência, empenho, dedicação. Com você, muito aprendi.

Obrigada, Beatriz Setti Braga, por toda a ajuda, parceria, troca, acolhimento, amizade, amor, viagens e cursos proporcionados. Guardo na memória a presença de Beatriz, sentada ao chão, na boca de cena da plateia, ovacionando com seu inesquecível “Bravo! Bravo!”, sempre nos incentivando.

Gratidão a vocês dois por todos os momentos felizes e de grande aprendizado que passamos juntos. Minha gratidão é eterna, por tanto e por tudo.



Alberto Garcia, Beto, como costume chamar este bailarino, é artista circense e professor de dança de salão e circo da Cia. Circodança.

Conheci-o em uma de minhas viagens com o Nando para Buenos Aires, para os cursos de tango na Escola Mora Godoy, que Beto também frequentava. Nosso encontro foi através de um grande bailarino do Ballet Estável do Teatro Argentino de La Plata, Sebastian Huici, que também realizava aulas na mesma escola e era amigo pessoal de Beto.



Foto: Alberto Garcia com seus alunos.

Em uma de nossas aulas, Sebastian me apresentou seu amigo brasileiro e comentei: “Beto, quando você retornar ao Brasil, vá conhecer nosso espaço e grupo de dança; sempre precisamos de bailarinos”. E assim aconteceu. Quando retornou ao Brasil, foi conhecer a Circodança e lhe fiz um convite para dançarmos um número de dança composto de tango com uma performance em cima de um trapézio circense.

Foi incrível a parceria e conexão que tivemos desde então. Naquele mesmo ano de 2009, apresentamos no Espaço Uranus, um teatro com estilo de cabaré, e no Galpão do Acrobático Fratelli.

Ao conhecer o trabalho da companhia com pessoas com diversidade funcional, iniciou uma pesquisa de dança de salão para nossas bailarinas Melina e Paloma para um espetáculo que criamos, chamado “Los Hermanos”. Ali, ele descobriu que a dança de salão poderia ser realizada por todos. Ele desenvolveu, com estas duas artistas, um trabalho de alta performance na dança de salão. Em seguida, Beto também desenvolveu um trabalho personalizado para pessoas da terceira idade. Além de desenvolver todo o trabalho artístico para a Circodança, Beto também atua fortemente nos batidores do grupo.

Depoimento Beto

Falar dessa trupe e da família Cia. Circodança é muito fácil, pois foi com esse grupo megaunido que tive a oportunidade de aprender a ter um olhar singular para as pessoas. Hoje, me sinto um profissional completo graças à oportunidade que a nossa diretora, Suzie Bianchi, me deu. Sou eternamente grato por isso, pois, a partir deste aprendizado, consegui me encontrar profissionalmente. Todos os integrantes desta trupe são muito especiais; a convivência com eles é sempre uma troca. Gratidão, Suzie Bianchi, pela oportunidade. Uma palavra que descreve essa trupe é amor.

Alberto Garcia



Depoimento Diana Sabbag

Sempre gostei muito de dançar, mesmo sem andar, dançar sobre rodas. A dança entrou na minha vida junto com o teatro, já que o grupo que eu faço parte até hoje (há quase dez anos) é de teatro musical. Adoro interpretar, mas as coreografias são realmente o que amo fazer. Dançar me faz um bem danado e até já me tirou de uma depressão. Graças à Cia. Circodança!

Um dia, estava no face e alguém da Cia. Circodança Suzie Bianchi postou sobre dança em cadeira de rodas e eu corri para buscar informações. Uma semana depois, já estava fazendo aula com o professor Alberto Garcia, um excelente profissional e um ser humano ímpar. Um anjo que Deus mandou para iluminar a vida das pessoas com deficiência, a quem ele dá aula com tanto amor, carinho, dedicação e profissionalismo. Esse sabe o que faz!

Ao entrar na Cia. Circodança, você sente no ar dois sentimentos: AMORE E FELICIDADE. Como você é bem recebido nesse lugar!!!! Abraços, beijos e muito sorriso, além do brilho nos olhos de cada pessoa que faz parte dessa escola. Com o tempo, aquele que não é seu professor passa a ser parte da sua equipe, seja ajudando na transferência de cadeira de rodas ou até mesmo para tirar foto ou gravar um vídeo da sua aula para você poder assistir e aprimorar mais e mais!

Sobre a Suzie! Ela que “rege” essa grande orquestra de amor e felicidade. Ela une seus profissionais e seus alunos, principalmente os que têm uma deficiência. É uma alegria tão grande, uma bagunça saudável! Se o Alberto é um anjo enviado por Deus, a Suzie é a luz que Deus enviou dele mesmo para nos agregar tanto em nossas vidas.

Enfim, sou grata por fazer parte dessa turma que tanto bem faz a meu corpo, ao meu espírito e ao meu coração!

Diana Sabbag



Juliana em apresentação na lona do Circo Spacial em 2018.

Juliana Daibert Padula, ou Juju, como ela gosta de ser chamada, é artista, bailarina acrobata da Trupe Cia. Circodança. Ela entrou na escola em 2006, para fazer aulas de *ballet* clássico, e criamos uma conexão imediata. Sua dedicação e disciplina impecáveis a promoveram rapidamente para o grupo profissional da Circodança.

Extremamente dedicada e apaixonada em todas as aulas e ensaios, realiza sua prática artística com muita concentração, dedicação e empenho. Nunca se cansa, mesmo que precisemos ensaiar por horas a fio.

Dona de uma alegria contagiante, consegue nos empolgar com uma disposição incansável; sempre estamos criando uma cena, performance ou número mais complexo.

Lembrando também de Joel Naimyer Padula que, durante anos, nos deu uma importante contribuição no desenvolvimento das atividades da Cia. Circodança.

Os depoimentos a seguir dizem muito sobre nosso trabalho:

Depoimento Jane - mãe de Juju

Espaço de possibilidades e de ser plenamente

Vida... Arte... Um lugar de ser, um lugar de existir; assim compreendo o espaço Circodança! Apesar do meu percurso na educação, de transitar em espaços os mais variados, nas escolas, creches, bibliotecas, centros comunitários, espaços de formação de professores, espaços alternativos de junção de educação e cultura, convivia com uma contradição, com um paradoxo sentido na própria existência, na “epiderme da alma” (como canta Zélia Duncan): me via, enquanto mãe, sem alternativa de acolhimento para minha filha com déficit intelectual e uma forma toda singular de ser e de se expressar.

O cotidiano da vida vai sinalizando, a cada um de nós, qual seu espaço no mundo, qual seu lugar de voz, qual representação você tem nos diferentes grupos sociais. Interessante pontuar uma fala recorrente da Ju... “Estas pessoas são invisíveis pra mim.” Referia-se justamente àquelas pessoas que passavam por ela como se fosse realmente invisível. Muitas vezes, até nas reuniões de família, acontecia essa invisibilidade.

Imaginem que, à medida que ela desabrochava com suas inúmeras possibilidades, se abrindo à sua maneira de ser, compartilhando sua arte e o que sentia e a alegria de estar com as pessoas e ser reconhecida na sua existência, cada vez mais se fechavam oportunidades, com justificativas que tentavam ser educadas e gentis, mas que revelavam bastante hipocrisia e preconceito. Como se fosse possível justificar que ser diferente demanda viver em outro tipo de sociedade, ou apartado das pessoas consideradas normais.

Mas, por incrível que pareça, depois de tantas tentativas de transgredir — na verdade, parecia que precisava transgredir — ou reconhecer a benevolência de aceitarem, em seus espaços, alguém fora do padrão, conhecemos a Circodança. E, depois de uma certa insegurança da Ju diante de toda essa história de não pertencimento, uma luz brilhou no nosso caminho — essa luz foi o espaço Circodança!!!

A chegada da Ju na escola Circodança foi bem emblemática. A mãe na frente, querendo conhecer a escola, e a filha ao seu lado, meio que se escondendo atrás de suas costas; trêmula, repetia baixinho que não, não queria entrar. Eis que Suzie vem em nossa direção, me dá um rápido “oi” e dirige toda sua atenção pra Ju, que, muito desconfiada, vai desfazendo suas resistências, lhe dá a mão pra conhecer a escola. Propõe que venha experimentar dançar, quem sabe fazer aula de ballet, sua grande paixão. Paixão que, a cada dia, só foi aumentando, aumentando. Sua postura, sua fisionomia começaram a brilhar, a pulsar. Aulas de dança, aulas de ballet, mais tarde, aulas de circo. Junto, pequenas apresentações. Um, dois dias de aula na escola, depois três e depois já passava o dia inteiro, e o barato era comer marmita com as amigas.

Ju passa a se ver como alguém com muitas possibilidades, como pertencente a um grupo. Eu, que venho de uma formação em educação, presencio uma maneira única e singular de dar aulas, de ser professor(a). Professor(a) ou um parceiro(a) mais experiente, que é, ao mesmo tempo, muito amigo, aquele do coração... Uma forma de ensinar que fica marcada no coração! É isso... Penso que a palavra “didática” não dá conta de dizer o que acontece neste lugar. Não posso deixar de citar um momento particular que presenciei do Flavinho, professor de circo, com uma linda aluna com bastante inquietude, característica de sua forma de ser, mas que, realizando aula de circo, caminhava, concentrada na faixa a uma certa altitude, guiada pela voz serena, mas firme, do professor. Nunca vi nada mais bonito relativo à aprendizagem...

E quanta alegria nesta escola!!! Nunca, nunca vi uma expressão de desaprovação, de censura, de não acolhimento. Lá, parece que, se tivéssemos que pensar um lema, um slogan, seria: “Você pode!! Você consegue!!!”. E, quando não se consegue, é só risada, porque, também, ninguém é perfeito...

E os abraços!!! Que saudade dos abraços!! Não se adentra este espaço sem muitos abraços. Abraços estes que alimentam o espaço emocional de todos. Como diz a música dos Titãs, “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte...”. COMO ESTÃO FAZENDO FALTA!!! (Nesse momento em que estamos afastados diante da necessidade de distanciamento social.)

Depois de um tempo, veio o projeto da Companhia Circodança, grupo reunindo artistas, além de alunos e professores da companhia, com suas potencialidades e suas particularidades. Era preciso ser profissional. O peso desta palavra teve um efeito muito curioso. Significou ter carteira profissional com registro de uma profissão e, ao mesmo tempo, conscientizou a Ju e suas e seus amigos da importância da independência em se cuidar e organizar suas próprias coisas, pois iriam viajar, ficar em hotéis, organizar figurinos para apresentações, sem a tutela dos pais.

As apresentações se deram inicialmente em São Paulo, mas foram acontecendo em cidades do interior e outros estados, culminando com um festival na Espanha.

“Los Hermanos”, “Vida de Circo”, “Conexões”, alguns dos espetáculos vividos pela companhia. “Vida de Circo” foi o mais propagado e que circulou por mais teatros e variados locais.

Nestas andanças da companhia, tenho presenciado momentos muito especiais. Desde pessoas que se achegam com brilho no olho, se identificando com o grupo e acreditando que também podem e as possibilidades são muitas. Outras vezes, presenciei adolescentes de periferia, estudantes de escolas noturnas encantados, aplaudindo, pedindo para tirar fotos, em uma atitude que não é o comum, interessados em saber como cada um da companhia supera suas limitações e consegue realizar um espetáculo tão bonito, de tanta qualidade.

Confesso que, muitas vezes, meus olhos pareciam chover, como diz o menino da história... Mas eles já não molham pela falta, mas pelo preenchimento de tanta energia, de arte, de possibilidades, de encontros, de roda, de festa, de comemorar sempre a vida e o que ela tem cada dia para nos oferecer!

Gratidão a vocês todos que, em algum momento, estiveram ou estão nesta parceria de um espaço tão potente, tão transformador, tão único!!! Assim seja sempre e que nós sejamos coparticipantes de todos estes projetos e sonhos!

Jane Daibert Padula



Um pai, uma mãe e suas reflexões

Fala a mãe

Quem sou eu?

Qual meu lugar neste mundão?

Perguntas que fazemos quando pensamos a vida com ar pretensiosamente filosófico.

Os caminhos vão se revelando e cada um encontra um atalho que mais se aproxima da sua forma de existir na vida.

Alguns dirão que as formas são definidas, estão prontas e cabe a cada um se adaptar, encaixar-se nestas caixinhas definidas socialmente.

Só que quem disse que as formas e as caixinhas são as que conhecemos por aí?

Quem disse que cada um descobre seu caminho sozinho?

No circo, há uma espécie de oração, uma reza que diz: “Eu junto meus pés aos seus, eu coloco minha mão sobre a sua, eu olho nos seus olhos, para que juntos possamos fazer aquilo que eu não posso e não consigo fazer sozinho”.

Um belo dia de nossas vidas, como no espetáculo “Vida de Circo” da Companhia, lá estávamos nós — “a gente roda a vida e a vida roda a gente” —, assim mesmo aconteceu...

Descobrimos um espaço que, mais do que espaço físico, era espaço Circodança, lugar de arte, cultura, lugar de pessoas que se juntam do jeito que podem ser, se curtem, se enroscam em suas histórias, revelando que a vida é muito mais do que se pode imaginar. Espaço mágico, de alegria e muitas possibilidades. Dançar, subir, explorar o corpo no espaço, chão, ar, tecido, girar, equilibrar-se, conter energia, desafiar, superar a própria dimensão do corpo, superar o que parecia insuperável, explorar os limites que, de uma hora para outra, se transformam — vejam só — em inúmeras possibilidades.

Esta fala é a expressão de uma mãe e um pai que atuam na área da educação e da cultura, mas que, no exercício da paternidade e maternidade, descobriram que tinham muito a aprender o que achavam que já sabiam...

Fala o pai

Há tantos anos trabalhando diretamente com gestão cultural, assisto ao quanto é possível envolver todos e todas independente das diferenças de cada um. Desenvolvemos uma diversidade de programas, projetos, atividades que envolvem do bebê ao idoso, constatando que a formação dos sujeitos se dá não só na escola, mas, talvez, de maneira mais significativa, nestes espaços de convivência, onde a arte, dança, circo, teatro, música, esporte se manifestam.

Hoje, observando a movimentação e percurso de minha filha no espaço Circodança, além do encanto de vê-la como pai, curtindo seu desabrochar, seu envolvimento, sua garra e alegria, posso traçar um paralelo e reconhecer pontos que se assemelham muito aos programas que desenvolvo onde atuo. No interior de cada ação, assim como no meu cotidiano, uma série de intenções se revela, de maneira muito sutil e, ao mesmo tempo, forte, que costumeiramente é chamada de inclusão, mas que para mim revela muito mais. É lugar onde o tempo é aquele do sujeito, onde todos que delas participam se tornam mais humanos, mais sensíveis, mais “senhoras e senhores de si”. E o mais incrível é que, neste espaço, reverbera a criatividade, a inventividade, a possibilidade de sempre fazer de forma diferente, inusitada, única e, por isso, tão bela e singular. Olhar o outro, acolher, dar a ele um lugar, uma forma de expressão é o que de melhor a sociedade pode oferecer, no lugar de abandono, violência, desconsideração. Vivemos tempos de individualismo, competição, desvalorização, bullying e o que se assiste é à decadência do que podemos chamar de humanidade. “Quem sou eu? Qual meu lugar neste mundo?” Retomo as perguntas da mãe e lhe passo a palavra:



Eu sou a minha vontade, a minha determinação, o meu jeito de ser, com mais ou menos palavras, com mais ou menos movimentos, com mais ou menos concentração, com mais ou menos compreensão, com mais ou menos estatura, com mais ou menos visão, com mais ou menos... mais ou menos..., que, no final das contas, quando juntos estamos — “eita” mundo pequeno para tantas estripulias, pra tanto não caber em si! Rir muito, abraçar, encher tudo e todos de muitos carinhos. Saibam todos que a roda está e estará sempre aberta para quem quiser chegar. É só chegar... chegando... chegando e sentir vontade de gritar “E viva a vida!!! VIVA!!!! Este livro é a expressão deste espaço tão singular. Tentar, através do registro escrito, das imagens, falar um pouco deste lugar. Não foi nem será tarefa fácil, pois contar e escrever, como diz Gabriel García Márquez, “é um segredo de ofício que não obedece às leis da inteligência, mas à magia dos instintos, como a cozinheira que sabe quando a sopa está no ponto.” Sentir o sabor, os temperos, o aroma desta sopa é o que desejamos que sinta conosco, você, leitor deste livro.

Jane Daibert Padula e Joel Naimayer Padula

Depoimento Juju

Eu adoro muito a Companhia, que foi muito importante para mim, porque foi lá que eu comecei a me apresentar mais e fazer várias coisas: circo, dança, ensaio, aulas, ballet. Várias coisas. Uma muito importante é que antes eu não conseguia subir no tecido e fazer a coreografia, que era difícil. Eu tentava, tentava e nada. Eu e a Paloma. Fazíamos muitos ensaios para conseguir subir e com o tio Flavinho e o Beto também. Eles falavam: “Vamos, Ju e Paloma, vamos fazer de novo, porque não é assim. Não é esse pé”. Eles falavam “Força!” e depois a gente conseguiu.

Eu ficava com medo no dia da apresentação, até tomava floral. Aí a tia Suzie me acalmava e falava: “Vai dar tudo certo”. E acabou dando certo depois. Ainda bem que eles falaram “Vamos, Ju”, senão, eu não ia conseguir fazer.

Eu também ensaiei o Roda Vida com Tio Wilsinho, que me corrigia também. Falava que tem que esticar os pés e tomar cuidado com a postura, a barriga... Na hora de rodar rápido, eu não tinha medo, porque eu gostava de rodar com o Tio Wilsinho!! No palco, eu sinto que fico muito contente por estar lá!! Quando estou no palco, vejo só coisas bonitas!! Adoro muito a apresentação que, no final, todo mundo aplaudia e queria tirar foto com a gente. No final, eu sempre guardo minhas coisas. Não deixo bagunçado. Tia Suzie falava que cada um tinha que cuidar das suas coisas. Agora eu estou muito triste que não tem apresentação! Tinha vontade de que todo mundo se apresentasse junto. Tinha vontade de abraçar todo mundo!!! Eu adoro muito a Circodança!!!! Adoro todo mundo da Companhia!!!!

Juliana Daibert Padula

Depoimento Lucas - irmão de Juju

Eis aqui uma breve fala do irmão da Juju sobre a Cia. Circodança: “Acredito piamente que cada ser vivo tem seu espaço na Terra e consegue carregar seus dons. Eu e Juju crescemos em uma casa onde os dons eram incentivados a se desenvolver e ser mostrados. Muita música, dança, teatro, esporte, diversidade e muito amor. Ao longo de nossa juventude, eu e Juliana fomos descobrindo qual era a nossa. A minha era tocar instrumento musical e jogar handebol, e a Ju gostava mesmo era de dançar ballet. Os anos foram passando, nossas rotinas se definindo, e uma pergunta ia se moldando nas diferentes situações: ‘Por que meu colégio me reconhece, mas não reconhece a Ju?’, ‘Por que eu sou bem-vindo nas quadras de esporte, mas a Ju não é bem-vinda nos palcos de arte?’, ‘Por que eu sentia que pertencia à minha escola de música, enquanto a Ju não se sentia parte da escola de dança?’. Enquanto essas perguntas eram preenchidas com uma resposta vazia da sociedade, eu sentia que a Juliana apenas levava a vida como podia; com seu jeito singular e tímido de ser, preferia se esconder, preferia não falar e, muitas vezes, preferia não participar.

E como fazer diferente? Quem gosta de ficar onde não se é visto ou ouvido? Todos nós vivemos para realizar nossos sonhos; a Ju pode ter seu tempo diferente, mas sonha como qualquer um de nós.

E, um dia, a Cia. Circodança apareceu em nossas vidas e mostrou à Juju que ela pertencia a um espaço, que era sim bem-vinda aos palcos de arte e que, ali dentro, ela era reconhecida como um ser humano. O espaço carrega consigo atributos de necessidade fundamental: respeito, carinho, dedicação, amor, amizade, compromisso, na alegria ou na tristeza, tudo que um ser humano precisa para ser ele mesmo. Todos que ali estão participam com a alma, seja você aluno ou professor; não se trata de quem faz melhor, se trata de fazer! A cia. transformou a vida da Ju, transforma as nossas vidas diariamente e continuará transformando a vida daqueles que se permitirem adentrar aquele espaço tão vivo; basta você ser você mesmo!

Espaço onde se celebra a vida e suas formas diferentes de ser vista!”

Lucas Daibert Padula



Depoimento Rafaela - irmã de Paloma

Lembro-me, como se fosse ontem, quando a Paloma iniciou sua jornada na Cia. Circodança. Na realidade, eu comecei junto com ela, fazendo aulas de jazz e, depois de um tempinho, aulas de circo. Aconteceu que, na época, eu comecei a trabalhar e não consegui mais conciliar os horários, parando de frequentar a escola. A Paloma, por outro lado, continuou firme e forte, realizando cada vez mais aulas junto à cia.

A maior lembrança que tenho do comprometimento e paixão da Paloma pelas aulas foi um dia em que o carro do nosso motorista parou de funcionar a caminho da escola, sendo a Paloma obrigada a faltar à sua aula. Lembro de vê-la chorando e dizendo: “Eu não posso perder a aula, eu quero ser profissional”. Nesse dia, eu não a levei muito a sério, minimizando o que ela estava sentindo. Após um tempo, eu percebi que realmente essa escola se tornaria sua profissão e, além de tudo, sua paixão. E que bacana é perceber que seu trabalho é também o que ela mais ama fazer. Que sorte a dela!

Rafaela Nogueira Fonseca

Paloma Nogueira Fonseca, bailarina e acrobata, iniciou suas aulas na Circodança em 2008. Ali, já pude notar um diferencial na forma como executava os movimentos e identifiquei que, com o tempo, poderia fazer parte do grupo profissional, fato que se concretizou mais rápido do que eu pensava.

Paloma participou de alguns espetáculos antes de entrar no grupo profissional. De personalidade expansiva, se interessou por várias de nossas aulas. Sua mãe e irmã, que vinham buscá-la, também tinham interesse por fazer aulas conosco, mas, devido à incompatibilidade de horários, não conseguiam estar presentes em nenhuma de nossas modalidades. Até que consegui me organizar e então iniciei uma nova turma somente com as três: Paloma, Rafaela e Valéria.

Nosso espaço tem a característica de agregar pessoas e integrar famílias. Temos vários casos de pais, mães e irmãos que estão, juntos, compartilhando aprendizados em aula e dividindo experiências no palco.

Um dia, a apresentei para nosso professor Beto, que a convidou para fazer uma aula de dança de salão com ele. Fiquei impressionada com a destreza e facilidade para acompanhar o professor nos ritmos complexos de salsa e samba.

No primeiro espetáculo profissional da companhia, Beto e Paloma foram responsáveis pela criação de um número profissional de samba de gafieira.

Apresentação de Paloma de fim de ano da Escola Circodança no Circo Spacial em 2018.

Para iniciar sua formação de circo com Glucia Manzzanera e Flavio Santos da Silva, Paloma teve que realizar uma grande preparação muscular, pois, assim como Mel, é uma artista com síndrome de Down e possuía hipotonia muscular. Um fator que nos ajudou foi ela possuir uma boa memória muscular, pois seus pais sempre a estimularam a participar de diversos esportes, como natação, vôlei e basquete. Antes de entrar em nossa escola, ela já havia realizado aulas de *ballet clássico* e *street dance*.

Com a supervisão de sua mãe, que é fisioterapeuta, e de outros profissionais da saúde, com o tempo, ela conseguiu se desenvolver em aparelhos como o trapézio, a lira e a faixa, uma de suas grandes paixões, até alcançar um alto rendimento e desempenho profissional.

Junto com o bailarino Deividi Pinheiro, formou uma parceria na modalidade de dança de salão que os levou a participar de diversos campeonatos e festivais de dança, como o Campeonato de Salsa no Rey Castro, passando por duas etapas, chegando na final e ficando em sexto lugar em 2013. Chegaram até Miami, onde conquistaram o primeiro lugar no Campeonato Mundial de Salsa em 2014 e 2015. Além das apresentações, os parceiros, desde 2015, são contratados para ministrarem aulas de dança de salão no evento “Baila Costão”, em Florianópolis.

Deividi participou de nosso grupo profissional por dois anos e atuou nos espetáculos “A Roda” e “Vida de Circo” e, por diversas vezes, no número em que dançava com a Paloma, eram ovacionados de pé.



Depoimento Valéria e Ronald pais de Paloma

Paloma nasceu em 24 de dezembro de 1987 com uma condição genética incomum (síndrome de Down). Desde este dia, sempre peço a meu Deus, ao Universo que coloquem pessoas boas no nosso caminho, para que a Paloma consiga passar por qualquer barreira que possa existir. Fomos dando oportunidades e a Paloma foi tendo seus sonhos.

Tivemos a benção de conhecer a Suzie Bianchi e a escola Circodança; dentro dela, Paloma realizou vários sonhos e ainda tem muitos a realizar (nunca deixaremos de sonhar). A escola e sua diretora foram marcos em nossas vidas. Paloma se tornou bailarina, artista circense e acrobata profissional. Tornou-se importante, fazendo diferença na sociedade e, mais do que tudo, sendo respeitada. Tudo e todos dentro da escola e do grupo profissional mostram a liberdade de sermos iguais, de nunca deixarmos de ser felizes e jamais desistirmos de nossos ideais.

Ninguém precisa ser perfeito. O caminho é o amor.

Alba Valéria Nogueira Fonseca e Ronald Fonseca

Depoimento Paloma

A Cia. Circodança é, para mim, lugar em que me sinto profissional e muito segura. Nela, eu realizo meus grandes sonhos: dançar, fazer circo e subir no palco.

Tenho muitos desafios, mas aprendo com cada um deles e me supero.

A Suzie Bianchi é uma pessoa que me inspira como professora e artista. Eu a amo muito; ela é o meu anjo. Ensinou-me a ter responsabilidade, dedicação, ser uma profissional, tudo com muito carinho. Muito obrigada.

Paloma Nogueira Fonseca

Rafael Barbosa chegou em nossa escola em 2011, para iniciar sua formação em dança. Foi lindo poder acompanhar seu desenvolvimento. Fui testemunha do desenvolvimento deste menino cadeirante que possuía muitos medos por ter osteogênese imperfeita, popularmente conhecida como síndrome dos ossos de vidro.

Com todo o cuidado e suporte necessários, fomos desenvolvendo a técnica da dança. Com o tempo, ele foi adquirindo equilíbrio, força e desenvoltura. O ganho em sua autoestima era perceptível para todos que o acompanhavam.

Rafael chegou a iniciar sua formação em circo, que foi interrompida devido a uma pequena fratura que sofreu. Acreditamos que, em breve, ele retornará ao circo.

Passou a integrar nosso grupo profissional e, com a realização das apresentações da Cia. Circodança, pôde emitir seu registro profissional como artista.

Depoimento Cida e Carlos pais de Rafael

Rafael sempre foi inquieto e comunicativo. Tendo “osteogênese imperfeita” (ossos de vidro), esta inquietação aumentava, pois não podia se movimentar muito, senão seus ossos poderiam se quebrar. A música o acalmava... A música sempre foi muito presente em nossa casa... Ele passava os dias numa almofada bem macia, onde dançávamos e cantávamos, de um modo parecido com o acalantar de um bebê. Foi assim que ele foi podendo “dançar” de um jeito que fosse seguro.

Aos 12 anos, já não se fraturava tanto. Já podia deixá-lo sem a almofada e arriscar uma dança nos ombros, ainda bem devagar, mas com mais contato físico. E, assim, a gente se divertia. Ao sentir que podia ousar mais, ele começou a dançar com a cabeça, de um lado para outro, na cama (não sei como não ficava tonto, risos). E, aos poucos, com os tratamentos, dedicação e muita disciplina, começou sua aventura na cadeira de rodas. E como foi rápido! Num instante, se adaptou a

ela, ou ela a ele, sei lá... A partir de então, a cadeira se tornou — e até hoje é — sua companheira para tudo. Movimentar-se sozinho, ir e vir de onde quiser, dançar!!! Que conquista!

Foi quando, em 2012, indagou: “Mãe, será que tem escola para cadeirantes?”. E fomos nós para o Google “encontrar”. Missão difícil essa! As escolas não aceitavam cadeirantes!! Procurei até uma bem “famosa”, em vão. Mas não paramos por aí. Somos persistentes e otimistas. Haveremos de achar! Foi quando, num belo dia, encontramos “Cia Circodança Suzie Bianchi”, rua República do Iraque... É perto de casa!!! Pegamos o telefone, ligamos e qual foi a nossa surpresa que fomos atendidos pela própria Suzie, que já agendou uma visita à escola. E foi conexão. Já existia uma turma de cadeirantes que dançavam e foi nesta turma que Rafael começou a vivenciar, de fato, as técnicas de dança em cadeira de rodas. O sorriso, que já é enorme, triplicou. E passou a frequentar a escola duas vezes por semana. Liberdade para ir e vir já tinha conquistado. Agora, veio a liberdade de dançar, se aventurar a criar passos, girar, rodar, rodar... DANÇAR! Rafael, com seu carisma e força de vontade e — corujando aqui — talento também, logo ingressou para o grupo profissional em 2013, no qual se encontra até hoje. Além da autonomia, percebo que, desde quando começou a dançar e a mostrar, nos palcos, do que é capaz, uma sensação despertou nele, como se dissesse “Tá vendo, eu consigo! Determinação é tudo!”. Na vida, encontramos pessoas que são anjos, que iluminam nossos caminhos e nos fazem sentir mais seguros, acreditando que tudo é possível.

Suzie Bianchi, como foi especial aquele dia em que visitamos sua escola! A você e a toda equipe de professores, auxiliares, todos os que se uniram pra realizar os sonhos de tanta gente, só tenho uma palavra a dizer: gratidão.

Gratidão, pois foi com a dança que Rafael ganhou mais mobilidade, confiança em si, alegria de viver, autoestima nas alturas e, o mais importante, é feliz! Relato de uma mãe que viu a evolução de seu menino de cristal em um homem de aço!

Cida e Carlos Barbosa



Depoimento Rafael Barbosa

Sou cadeirante, tenho uma deficiência física cientificamente chamada osteogênese imperfeita, conhecida como “ossos de vidro”. Tive mais de 100 fraturas em toda minha vida.

Minha mãe conta que foi difícil descobrir o diagnóstico, pois não tinha nada aparentemente. Com cinco meses de idade, houve a minha primeira fratura. E, com o passar do tempo, vieram outras mais. Passei minha infância praticamente toda deitado, em cima de um travesseiro para não me quebrar. E dançando com a cabeça, virando pra um lado e pro outro. Com os cuidados dos meus pais, redes de apoio, tratamentos como fisioterapia, fisioterapia respiratória, T.O, fonoaudiologia, hidroterapia, internações, remédios, cirurgias, meus ossos foram se fortalecendo. A minha última fratura foi em 2007, com 17 anos.

Em 2011, já com os ossos estabilizados, resolvi pesquisar, no Google, uma escola de dança para cadeirantes. Na época, foi complicado para encontrar, porque quase não existiam em São Paulo. E, finalmente, encontrei a escola Cia. Circodança Suzie Bianchi. Marquei uma visita e aula experimental e me encantei pela escola, por conta das pessoas, pela forma que fui atendido, recebido, acolhido e o método de ensino. Fiz o meu cadastro e comecei a frequentar as aulas. A realização de muitas aulas e apresentações me ajudou a superar o meu medo de me quebrar. No início, eu era todo travado, duro para dançar, e não me entregava. Em 2015, fui convidado, através da diretora Suzie Bianchi, a ser um dos integrantes da cia. profissional da Circodança. E eu realizei o meu sonho, pois sempre quis ser um dançarino profissional e participar do grupo.

A cia. marcou um dia para irmos fazer uma apresentação de um número do espetáculo “Vida de Circo” na São Paulo Companhia de Dança, da Maria Pia Finocchio, para tirarmos o DRT (carteira profissional) em dança. Depois, fizemos o espetáculo em diversos SESCs de São Paulo e de outras cidades, como Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Cuiabá, Rio de Janeiro. Em 2017, fomos convidados a participar do 1º Festival Fusión, na Espanha. Viagem inesquecível. Criamos, em 2019, um novo espetáculo chamado “Conexões”.

Com o surgimento da pandemia do covid-19 em 2020, fomos forçados a nos reinventar e migrar para outros caminhos e conhecer ferramentas virtuais que nos dão a possibilidade de continuar. Começamos a ensaiar online, através de aplicativos de reuniões virtuais, o que foi uma novidade para todos nós. Hoje, faço aulas online da Suzie com outras pessoas. Percebo como fazer aulas online é necessário, pois isso abriu caminhos para pessoas que sempre quiseram dançar e que não têm condições de sair de casa, ou que não têm uma escola de dança em sua cidade.

Eu sou eternamente grato à Suzie, dona da escola e diretora da companhia, por ter me apresentado à dança, por realizar meu sonho e me proporcionar a oportunidade de conhecer tantas pessoas outras diferentes de mim, de me tornar um ser humano e um profissional melhor. Eu tenho orgulho em ser da Família Circodança e de participar da diversidade que a Suzie Bianchi proporciona. Amo todos vocês. Vida longa!

Rafael Barbosa

O Palhaço, a Poesia e a Música

Ah, o palhaço, sempre tão hilário,
porém, tão solitário.
Já amou a todos daquela lona,
mas não levou nenhum romance à tona.
Prefere sonhar acordado com cada um e cada qual,
todos juntos ou individual,
do que se envolver de verdade,
quebrar a cara e se dar mal.
É o único que é livre do amor
e tem o amor livre de si, mas,
como qualquer outro dali,
por amor chora e também sorri.

Poema de Giovanni Venturini

Giovanni Venturini

Impossível falar de circo sem falar do palhaço, essa personagem carismática que arranca sorrisos da plateia. Era um dos meus sonhos ter um palhaço em nossa companhia.

Quando Carlos Amorim idealizou “A Roda”, nosso primeiro espetáculo profissional, era fundamental termos um artista que contracenasse com a personagem interpretada pelo Carlos — que, além de roteirista e diretor, atuava também como palhaço no espetáculo.

Sáímos em busca desse artista e, por indicação da amiga Cleusa, conhecemos Giovanni Venturini, ator, palhaço e poeta, que, na época, estava fazendo alguns trabalhos com o Circo

Mágico. Após uma conversa por telefone, Carlos convidou Giovanni para participar do espetáculo. Giovanni ficou surpreso e disse: “Agradeço pelo convite, mas você nem me conhece. Não sei se você sabe, mas eu tenho nanismo!”. Carlos somente respondeu-lhe que havia recebido boas referências dele e que seria muito bem-vindo na companhia.

A entrada de Giovanni no grupo profissional aconteceu em 2011. Com os anos, pudemos conviver com um grande ator e palhaço, que foi nos apresentando muitas outras facetas talentosas: poeta, acrobata, malabarista. Participou também do processo de criação e da direção do espetáculo “Conexões”.



Fotos: Giovanni e Carlos em apresentação da Trupe Cia Circodança, do espetáculo Vida de Circo, no Sesc São Carlos em 2009.

Depoimento Giovanni Venturini

Eu resumiria a Cia. Circodança em confiança e afeto. Nunca encontrei tanta confiança em meu trabalho e tanto afeto de todos integrantes e diretores. Foi uma abertura de portas para eu acreditar mais na minha arte. A confiança e o amor só vão aumentando. É mais que uma companhia, é uma família.

Giovanni Venturini



Foto acima: Andre em apresentação da Trupe Cia Circodança, do espetáculo “Vida de Circo”, no Sesc Bom Retiro em 2014.

André Costa Schulle, apelidado carinhosamente por mim de Catito, assim como Giovanni, já entrou na nossa companhia como artista profissional. Conheci-o por intermédio de Flavinho, que nos apresentou quando buscávamos um terceiro palhaço para nossa companhia.

Como ele mesmo costuma dizer, foi amor à primeira vista. Além de palhaço, é também malabarista, acrobata e músico. Atuou como palhaço no espetáculo “Vida de Circo” e foi um dos criadores da dramaturgia e trilha sonora do espetáculo “Conexões”.

Depoimento André Costa Schulle

Estar com a Cia. Circodança é mais que prazeroso, é um ambiente que extrapola a troca no lugar do trabalho artístico, pois envolve mais que isso. É um ambiente de desenvolvimento humano, pessoal, afetuoso, de ver crescer potencialidades artísticas e pessoais; é lugar de muito acolhimento; tem sabor de chá com bolo de cenoura no friozinho.

André Costa Schulle



Luz,

câmera,

ação...

A criação de um espetáculo é complexa e envolve mais fatores do que a maioria das pessoas imagina. Mesmo em um monólogo ou solo, no qual somente um artista está presente na cena, muitos outros profissionais trabalham para tornar o espetáculo possível.

É nos bastidores que a magia é criada. Os efeitos de luz, a composição da trilha sonora, a composição do cenário e figurino complementam a apresentação do artista no palco. Por isso, dedico um capítulo especialmente aos principais profissionais responsáveis pela parte técnica da Cia. Circodança.

Começo com nosso grande e querido Ari Buccione, que foi iluminador da Cia. Circodança por 11 anos. Uma pessoa extremamente comprometida com seu trabalho, iluminava nosso trabalho, literalmente.

Possuidor de uma paciência digna de monge, irradiava tranquilidade e alegria na criação de nossos espetáculos. Esteve conosco desde nossa primeira apresentação profissional.

Convidei-o para fazer o roteiro e direção do espetáculo “Conexões”, junto com Samir, Veridiana, André, Giovanni e eu. Passamos a nos reunir semanalmente para onde nos debruçamos por horas e mais horas na concepção e criação do espetáculo. Realizamos um ensaio aberto do espetáculo no SESC Presidente Prudente. Ao final, ele vibrava, dizendo, entusiasmado: “É isso! É isso!”. Sugeriu-nos alguns ajustes finais para a estreia da peça. Em seguida, entramos em um pequeno período de recesso. Foi quando recebemos a notícia de seu falecimento.

A morte do Ari foi um baque para todos nós, principalmente para o Giovanni, que estava muito próximo a ele por conta da criação do espetáculo e pensou em desistir do projeto. Conversamos e entendemos que estrear o “Conexões” seria nossa forma de prestar uma homenagem a esse profissional tão talentoso e querido.



Samir e Ari em cabine de som e luz no Teatro João Caetano em 2017, para ensaio do espetáculo “Vida de Circo”.

Samir El Shaer é nosso técnico audiovisual e entrou para a Circodança no mesmo período que o Ari. Tivemos uma conexão imediata e resolvemos juntos vários problemas técnicos dos espetáculos, para além das questões audiovisuais. Criamos e construímos muitas cenas em conjunto.

Durante as apresentações em que não podia estar presente para operar a parte técnica, pedia para que sua namorada, Veridiana Ravizza, o substituísse. Veri foi chegando e ficou. Participou ativamente no processo de criação do espetáculo “Conexões”. Hoje, junto com Samir, é figura indispensável da nossa equipe técnica.

Depoimento Veri e Samir

Ter liberdade de criação, somada a um ambiente de trabalho incrível com um elenco que tem uma disponibilidade irrestrita, é, para nós, técnicos, uma oportunidade de expressar nossa visão e unir nossas artes. Há mais de uma década, temos vivenciado isso com muita honra de fazer parte dessa trupe.

Veri Ravizza e Samir El Shaer

Sylvie Laila Choffat chegou na companhia através da indicação de Samir e Veri e, por essas conexões que têm de acontecer, soube depois que ela já havia visto uma apresentação com nossos bailarinos Paloma e Rafael em evento do SESC, em que estava trabalhando como iluminadora para outro grupo. Ali, teve vontade de trabalhar conosco.

Os anos se passaram e, após o falecimento do Ari, a convidei para dar continuidade na criação e operação de luz de nosso grupo profissional — convite que ela aceitou de imediato. Atualmente, está criando a iluminação de nosso novo espetáculo, ainda sem data de estreia prevista.

Depoimento Sylvie Laila Choffat

Trabalhar com a Cia. Circodança apareceu num momento da minha vida de querer ter a liberdade para criar em conjunto com artistas de vida e experiências particulares e diferentes.

Poder experimentar cores, fontes, texturas, criando atmosferas, em cada cena, a serviço desses maravilhosos artistas circenses e bailarinos.

É um prazer imenso fazer parte da história dessa companhia.

Sylvie Laila Choffat



Studio montado na casa de Samir e Veridiana com Cynthia e Giovanni em gravação para cenas do espetáculo “Conexões” em 2019.



Sylvie e Flávio em montagem técnica no Teatro do Sesc Rio de Janeiro em 2019.

Com a perda de nosso querido Ari, Cinthia Beranek entra para a Circodança para finalizar o espetáculo “Conexões”. Artista circense, coreógrafa e bailarina, a conheci através de Kiko, quando procurei por profissional que coreografasse um número aéreo de trapézio duplo.

As fotos da página 91 são do espetáculo “A Roda da Vida”, que conta com o número de trapézio coreografado por ela, em 2006. O espetáculo realizou uma pesquisa sobre os cinco Budas da meditação tibetana.

Cinthia trabalhou, durante 18 anos, com o Cirque du Soleil, que tive a grande oportunidade de conhecer em 2006, a partir de seu convite. Fui até Montreal, no Canadá, assisti-la na apresentação do espetáculo “Delirium” e pude conhecer os bastidores dessa famosa companhia, sua estrutura e seu funcionamento. Aproveitei para fazer algumas aulas de trapézio com artistas locais e conhecer a estrutura da École Nationale de Cirque de Montreal.

Desde então, sempre que Cinthia regressava ao Brasil, nos auxiliava com questões de composição coreográfica do grupo profissional. Com sua entrada, após o falecimento do Ari, o espetáculo “Conexões” foi finalizado da forma idealizada por Ari. Com sua chegada na companhia, ganhamos o toque contemporâneo nas criações artísticas, algo já intencionado por todos há tempos.

Depoimento Cinthia Beranek

Cia. Suzie Bianchi e Cinthia Beranek.

A minha história com a Su vem de longe...

Eu me lembro da primeira vez em que a vi; eu estava no meio de um ensaio, e eis que entra esta supermulher: vibrante, sorridente, cheia de luz! (Ela havia ido buscar um aparelho circense para seu espetáculo de final de ano.) E que vibração boa foi conhecê-la naquele momento, mesmo que tão brevemente.

Mais tarde, fomos nos conhecer e percebemos muitas afinidades tanto na arte quanto na vida!

Dei alguns workshops de dança e circo, coreografei um número de trapézio triplo para Suzie e mais quatro artistas, ministrei aulas de dança contemporânea em sua escola. Mais e mais, fomos trabalhando juntas.

Fui conhecendo e começando a fazer parte da cia. A parceria nunca mais parou e um novo mundo de possibilidades se abriu... Trabalhar com a Cia. Circodança Suzie Bianchi é só amor. É a capacidade do ser humano de ser ilimitado. É aprendizado. É vida.

Cinthia Beranek



Nos Camarins

Durante a realização das apresentações, há uma grande correria nas coxias e camarins para que tudo saia de forma perfeita: trocas de figurinos, objetos que entram e saem de cena, retoques de maquiagem são algumas das ações que acontecem de forma simultânea à realização do espetáculo.

Na Cia. Circodança, temos o privilégio de sempre ter Luciana Diniz conosco como nossa assistente de palco. Mais do que sua função, ela sempre cuida de tudo o que é necessário para que o espetáculo transcorra tranquilamente. Por vezes, realiza também o trabalho de camareira, maquiadora, copeira. Como um verdadeiro anjo da guarda, protege todo o espetáculo, durante sua realização, e cuida de cada um dos artistas e equipe técnica com carinho e dedicação, que extrapolam qualquer função.

Depoimento de Luciana Diniz

Qual a importância de trabalhar na Cia. Suzie Bianchi? A Cia. Circodança tem um lugar muito especial em minha vida, pois realizo um trabalho o qual me identifico por estar envolvida pela magia da dança e do circo. Na companhia, tive meu primeiro contato com artistas com deficiência, o que mudou toda a minha forma de pensar e me fez refletir sobre como todos nós podemos ser iguais, independente de sua condição.

Essa oportunidade me trouxe um grande prazer de poder estar perto de pessoas tão amáveis, e nosso contato, além de uma relação de trabalho, se transformou em lugar de amor e aprendizado. Gratidão eterna a Suzie Bianchi, minha diretora querida, e Carlos Amorim, por confiar em meu trabalho e me tornar parte dessa família.

Luciana Diniz



Além de Luciana, temos outros “anjos” que cuidam de aspectos como a montagem do piso de linóleo e estrutura aérea de circo: Flavinho é nosso técnico circense e conta com auxílio de outros artistas da trupe, como André, Beto, Wilson e Giovanni.



ESPETÁCULOS

Som do primeiro sinal
Atrás da cortina vermelha
Borboletas na barriga a dançar
Cochichos aqui e ali de boa sorte a vibrar
Abrem-se as cortinas e lá vamos nós a voar...

Suzie Bianchi

LOS HERMANOS

corpo sem fronteiras

não há fronteiras para o corpo
a dança atravessa
através do outro
sem pedir passaporte
ou visto de entrada
rompendo linhas imaginárias

não se limites
apenas sinta e siga
o passo
o movimento
o ritmo
o embalo
a poesia
dançar é junto
no toque
no olhar profundo
na parceria

precisamos
apagar as fronteiras
quebrar as barreiras
entender as diferenças
misturar tudo
para mostrar ao mundo
que é preciso abaixar as bandeiras.
e digo a Manuel Bandeira
que o que me resta, doutor, é dançar um tango argentino,
um samba carioca, um forró nordestino
ou qualquer que seja o ritmo
porque corpo não é estático
é vivo
e coletivo
juntos entendemos
que somos humanos
todos hermanos
e nossa nacionalidade
é a arte.

Giovanni Venturini

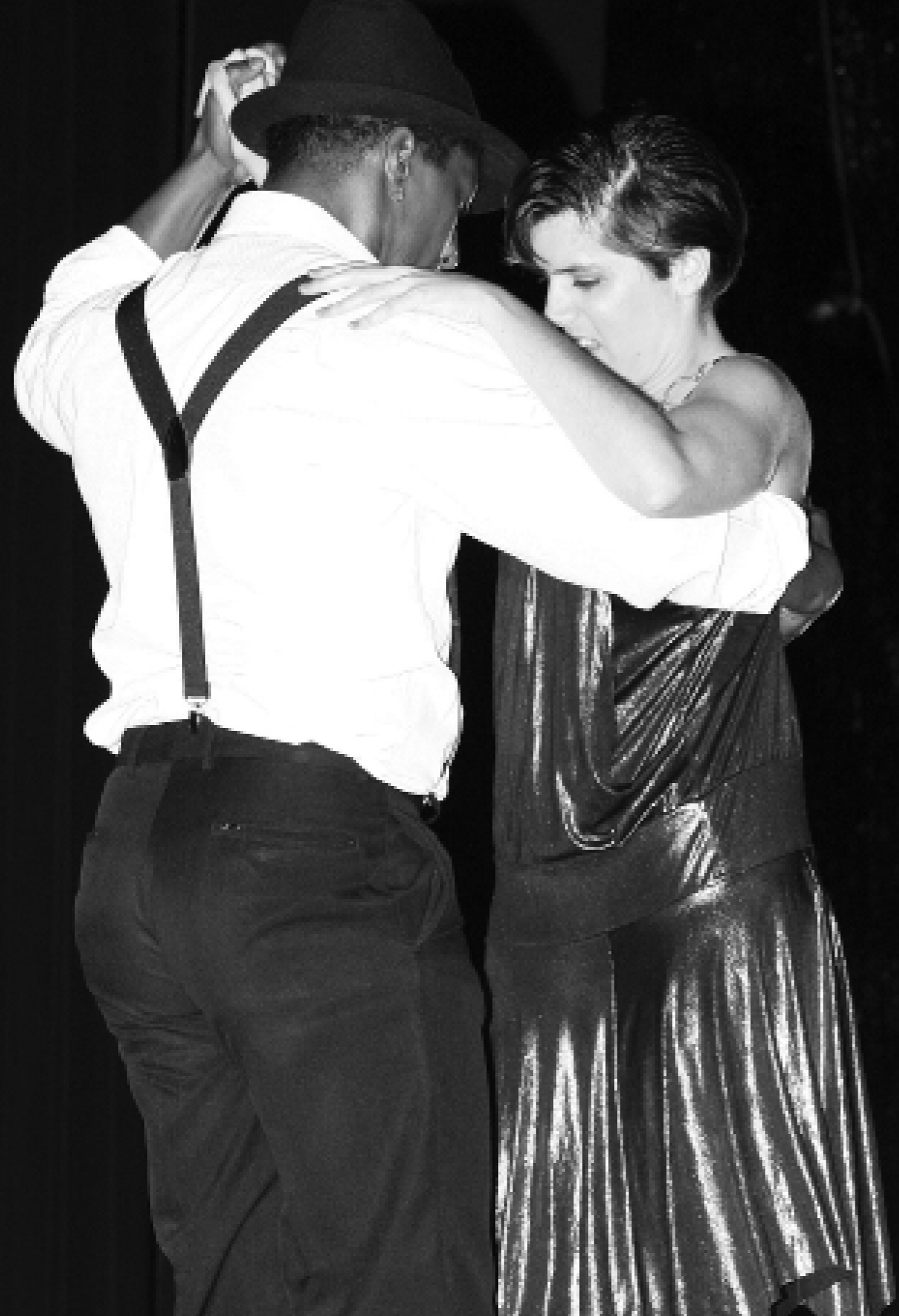
“Los Hermanos” foi o primeiro espetáculo que marcou o início da carreira profissional da Trupe Cia. Circodança Profissional. Foi com ele que criamos um marco histórico ao registrar profissionalmente nossos profissionais com diversidades funcionais. A partir de então, passamos a nos apresentar como uma companhia profissional.

Iniciamos a pesquisa para este espetáculo em 2009 e estreamos em 2010, a convite do coordenador do SESC São Carlos, Paulo Henrique Verardi, para nos apresentarmos no “Simpósio de Atividades Físicas Adaptadas”.

Foi dirigido e coreografado por mim e três artistas da companhia, Cecilia Iida, Alberto Garcia e Wilson Helvécio, e dois bailarinos argentinos de Buenos Aires, Juan e Muriel, da conceituada Escola de Tango de Buenos Aires Mora Godoy.

Era um espetáculo de dança com coreografias nas modalidades de tango argentino contemporâneo, tango tradicional, samba e forró. Sua história contava sobre a disputa entre Brasil e Argentina. No momento, a companhia era muito influenciada pelo tango devido à pesquisa particular que realizava nessa linguagem com meu parceiro Nando. Por dois anos, viajamos, diversas vezes, para a Argentina, para aprendermos o tango no seu berço de origem. Juan e Muriel, professores argentinos da Escola Mora Godoy de Buenos Aires, coreografaram um número de milonga que apresentamos em diversos palcos do Brasil e exterior ao longo de 15 anos. Alguns dos figurinos foram adquiridos na Argentina e outros, confeccionados no Brasil.

A partir da criação de “Los Hermanos”, com a parceria de André Ferreira, criamos a oficina intitulada “Dança Sobre Rodas”, que ministro até os dias de hoje.







Ficha Técnica

Produção: Cia. Circodança Suzie Bianchi

Direção artística: Suzie Bianchi

Assistente de direção: Wilson Helvécio

Coreógrafos Brasil: Suzie Bianchi,
Wilson Helvécio, Alberto Garcia

Coreógrafos convidados da Argentina - Buenos Aires:

Juan e Muriel da escola de Tango Mora Godoy

Elenco: Cecilia Iida, Paloma Nogueira Fonseca,
Suzie Bianchi, Juliana Daibert Padula, Alberto Garcia,
André Ferreira, Fernando José Braga Romano,
Wilson Helvécio

Multimídia: Samir El Shaer e Veridiana Ravizza

Ilustração: Rica Ramos

Designer de luz: Ari Buccione

Técnico de luz: Luan Vinicius

Assistente de palco: Luciana Diniz

Realização: SESC São Carlos

Fotógrafos: Carlos Munido Rincon

com os fotógrafos Hermínio Matias e Jana Teófilo

Histórico

Estreia nacional em 2010, no Teatro do SESC São Carlos, no “Simpósio de Atividades Físicas Adaptadas”.

Apresentação no SESC Presidente Prudente em 2010, com performance de André e Suzie e oficina de “Dança Sobre Rodas”.

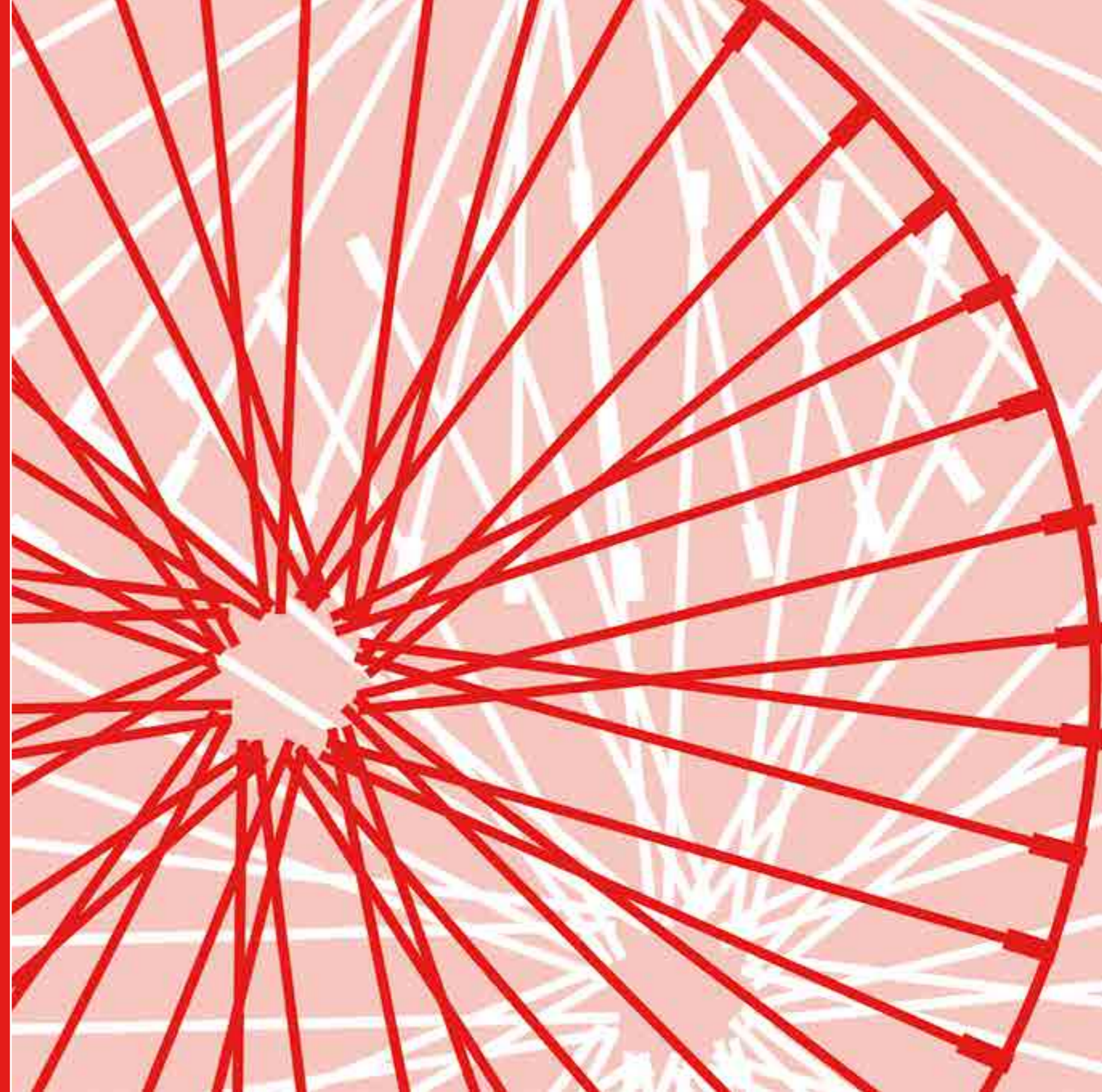
Apresentação no Teatro Vida e Consciência em 2011.

Apresentação na empresa Metra em São Bernardo do Campo, em 2012.

A RODA

Viver no Circo é sempre uma festa de Ano-Novo
Estamos sempre celebrando a vida
O Circo é uma Roda que muda sempre
Levando ao mundo a alegria
E Viva a Alegria, Viva...

Carlos Amorim



A criação do espetáculo “A Roda” deu início a uma das principais linhas de pesquisa da Cia. Circodança: criar uma linguagem que seja híbrida de dança, circo e teatro.

Com direção e roteiro de Carlos Amorim, mesclava elementos tradicionais do circo, como o mestre de cerimônia, os palhaços, as acrobatas, com números contemporâneos, como a lira, fusionados com coreografias de dança de salão e dança contemporânea.

No fundo do cenário, uma projeção de lona de circo e alguns elementos de picadeiro se mesclavam, através de efeitos de luz, às cenas de uma metrópole.

Em paralelo, estudamos, eu e toda a estrutura de apoio profissional que trabalha em conjunto com a cia. Circodança, composta por fisioterapeutas, psicólogos, psicomotricistas, neurologistas e fisiatras, como superar os limites de nossos artistas com diversidades funcionais. Os resultados nos surpreendiam a cada criação de cena, nos mostrando que a arte pode e deve ser para todos.

O espetáculo “A Roda” conta a história das memórias da cigana Laura, que viveu no circo. Como a pesquisa cênica, dramatúrgica, coreográfica e corporal era constante, o espetáculo passou por várias alterações desde sua estreia, até que optamos por dar continuidade a partir dos resultados obtidos na pesquisa, com a criação de um novo espetáculo.

A foto da página 107 da apresentação de André com a Cia Circodança no Teatro do Sesc São Carlos em 2011.







Ficha Técnica

Produção: Cia. Circodança Suzie Bianchi
Assistente de produção: Wilson Helvécio
Direção e roteiro: Carlos Amorim
Assistente de direção: Suzie Bianchi
Coreógrafos: Alberto Garcia, Carlos Amorim, Deividi Pinheiro, Milton Hamaguchi, Suzie Bianchi
Elenco: Alberto Garcia, André Ferreira, Deividi Pinheiro, Fernando José Braga Romano, Juliana Daibert Padula, Melina Gomes Mesquita, Milton Hamaguchi, Paloma Nogueira Fonseca, Suzie Bianchi e Wilson Helvécio
Os palhaços: Giovanni Venturini – Palhaço Pingo
Fernando José Braga Romano – Palhaço Pingolo
Carlos Amorim – Palhaço Pinguela
Preparação circense: Suzie Bianchi
Figurino: Iida e Silvério
Design e operador de luz: Ari Buccione

Design de som: Gustavo Simão
Design de imagens: Boo Eventos
Projeção e operador de som: Samir El Shaer
Técnico circense: Flavio Santos da Silva
Arranjo musical: Elias Garcia
Assistente de palco: Luciana Diniz
Fotógrafos: Paulo Barbuto e João Mantovani

Histórico

Estreia no Teatro do SESC São Carlos, no “Simpósio de Atividades Físicas Adaptadas”, em dezembro de 2011.
Apresentação na 3ª Virada Inclusiva, em dezembro de 2012, no SESC Itaquera.
Apresentação no Teatro do SESC em São José do Rio Preto, em julho de 2013.
Apresentação no Teatro do SESC Campinas e no Teatro do SESC Santana na 4ª Virada Inclusiva, em dezembro de 2013.

VIDA DE CIRCO

Aprendi que alegria de viver no Circo
é uma força que revoluciona a minha vida
E a tristeza não tem poder nenhum
O Circo é uma roda de um pequeno transporte
Cheio de malas e pacotes
Em cada mala, uma sabedoria e,
em cada pacote, uma surpresa
E vivendo no circo consigo ser feliz de verdade
A gente roda a vida, e a vida roda a gente
Afinal a vida é uma grande brincadeira de roda
E viva a Vida, Vivaaaa...

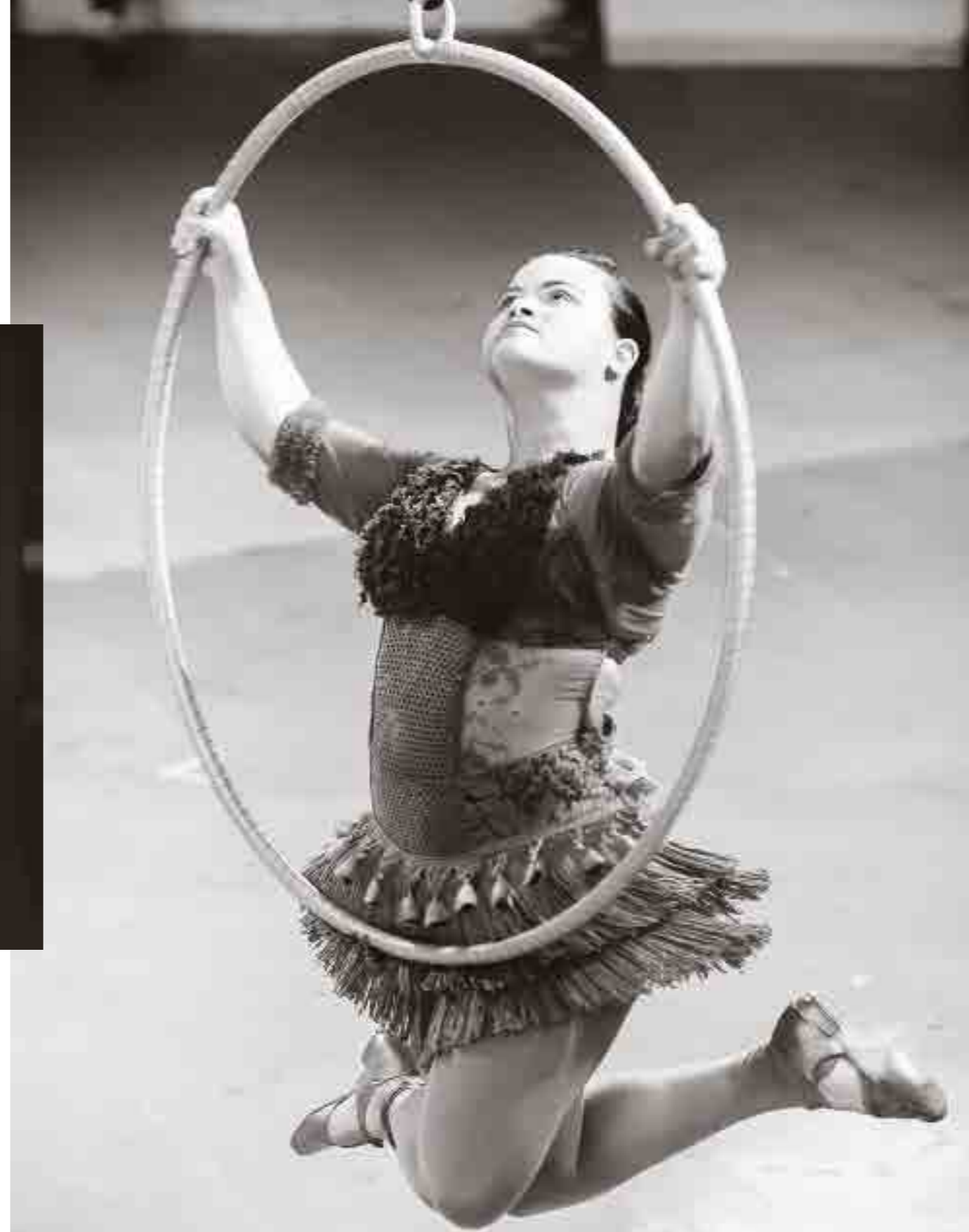
Carlos Amorim

Começamos a criação de “Vida de Circo” a partir da pesquisa iniciada em “A Roda”. Carlos Amorim criou falas para a personagem Laura e os números de circo tradicionais foram compartilhados com mais números de circo contemporâneo.

A pesquisa da linguagem híbrida na cena é consolidada no espetáculo. Através da história da cigana Laura, dança, circo e teatro desenvolvem as cenas num extrapolar de fronteiras no qual não é possível, por vezes, identificar qual é a linguagem predominante no palco. O resultado final, ágil, contemporâneo, vibrante é o mais importante. Prova disso são as duas versões criadas para o espetáculo: uma para ser apresentada nos tradicionais palcos italianos de teatro e outra para apresentações nas lonas tradicionais de circo.

Conforme Laura vai descrevendo sua rotina e sua vida, visualizamos números aéreos de lira, trapézio e tecido, acrobacias de solo, esquetes de clown, coreografias de dança contemporânea e dança de salão.

Ganhamos alguns prêmios com “Vida de Circo” e circulamos por teatros e lonas do Brasil e do mundo. Foi com “Vida de Circo” que a companhia profissional teve a oportunidade de fazer sua primeira viagem internacional. Em 2017, fomos a Madrid, na Espanha, para nos apresentarmos no I Festival Internacional Fusión, realizado na Casa do Brasil de Madrid. Em 2018, recebemos o 1º Prêmio Arte e Inclusão, pela Secretaria da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo e, em 2020, fomos premiados pelo Projeto Social no Fórum Internacional de Cidadania de São Paulo.





















O premiado espetáculo “Vida de Circo” circulou por várias cidades de São Paulo e outros estados do Brasil, como Rio Grande do Sul, onde participou do Festival Circo de Santa Maria 2018. Em 2017, teve a oportunidade de fazer sua primeira apresentação internacional “Festival Fusion” na Casa do Brasil, em Madrid-Espanha.



Ficha Técnica

Produção e realização: Circodança Suzie Bianchi

Direção artística: Suzie Bianchi

Direção e roteiro: Carlos Amorim

Coreógrafos: Suzie Bianchi, Wilson helvécio, Alberto Garcia e Flavio Santos da Silva

Elenco: Alberto Garcia, Flavio Santos da Silva, Rafael Alberto Barbosa, André Schulle, Fernando José Braga Romano, Giovanni Venturini, Wilson Helvécio, Paloma Nogueira Fonseca, Juliana Daibert Padula, Melina Gomes Mesquita, Suzie Bianchi.

Técnico circense: Flavio Santos da Silva

Técnica de som e projeção: Veridiana Ravizza

Técnica de luz: Sylvie Laila

Assistente de palco: Luciana Diniz

Fotógrafo: Paulo Barbuto

Figurino: Maria D’Caja Vestuário Cênico

Histórico

2014 - Apresentação na Semana Inclusiva, em dezembro, nas Unidades do SESC Belenzinho, SESC Pinheiros, SESC Sorocaba, SESC Campo Limpo.

2014 - Apresentação na Exposição “Circo da Gente”, no SESC Santo André.

2014 - Apresentação no Ginásio do SESC Sorocaba.

2015 - Apresentação no 8º Festival Paulista de Circo no Engenho Central de Piracicaba, na Lona Piolin.

2015 - Apresentação no SESC Bom Retiro na Virada Inclusiva.

2015 - Apresentação no Ginásio do SESC Piracicaba.

2015 - Apresentação no SESC Taubaté.

2016 - Apresentação no Teatro do SESC Santos.

2016 - Apresentação no SESC Itaquera.

2016 - Apresentação no SESC Consolação.

2016 - Apresentação no SESC São José dos Campos.

2017 - Festival Fusión, Madrid – Espanha, no Auditório da Casa do Brasil.

2017 - Apresentação na Virada Inclusiva no SESC Bom Retiro, SESC Registro, SESC Bertioga e SESC Jundiaí.

2017 - Apresentação no SESC Osasco.

2018 - Apresentação no 1º Festival Internacional de Circo na Lona Família Orfei.

2018 - Apresentação no 4º Santa Maria SESC Circo.

2018 - Apresentação no Ispiaí – Festival SESC Pantanal Circo.

2018 - Apresentação no SESC Parque Dom Pedro, na Virada Inclusiva.

2018 - Participação do Gala Circo no Teatro Municipal de São Paulo.

2018 - Ganhou o Prêmio Arte e Inclusão pela Secretaria da Pessoa com Deficiência pelo Governo do Estado de São Paulo e se apresentou no Tomie Ohtake.

2018 - Participou da Virada Cultural no palco no centro de São Paulo.

2019 - Apresentação no Teatro João Caetano.

2019 - Teatro SESC Ginástico no Rio de Janeiro.

2020 - Ganhou o Prêmio de Projeto Social no Fórum Internacional de Cidadania de São Paulo.

2020 - Apresentação virtual no evento “Sem Barreiras” da Secretaria da Pessoa com Deficiência.

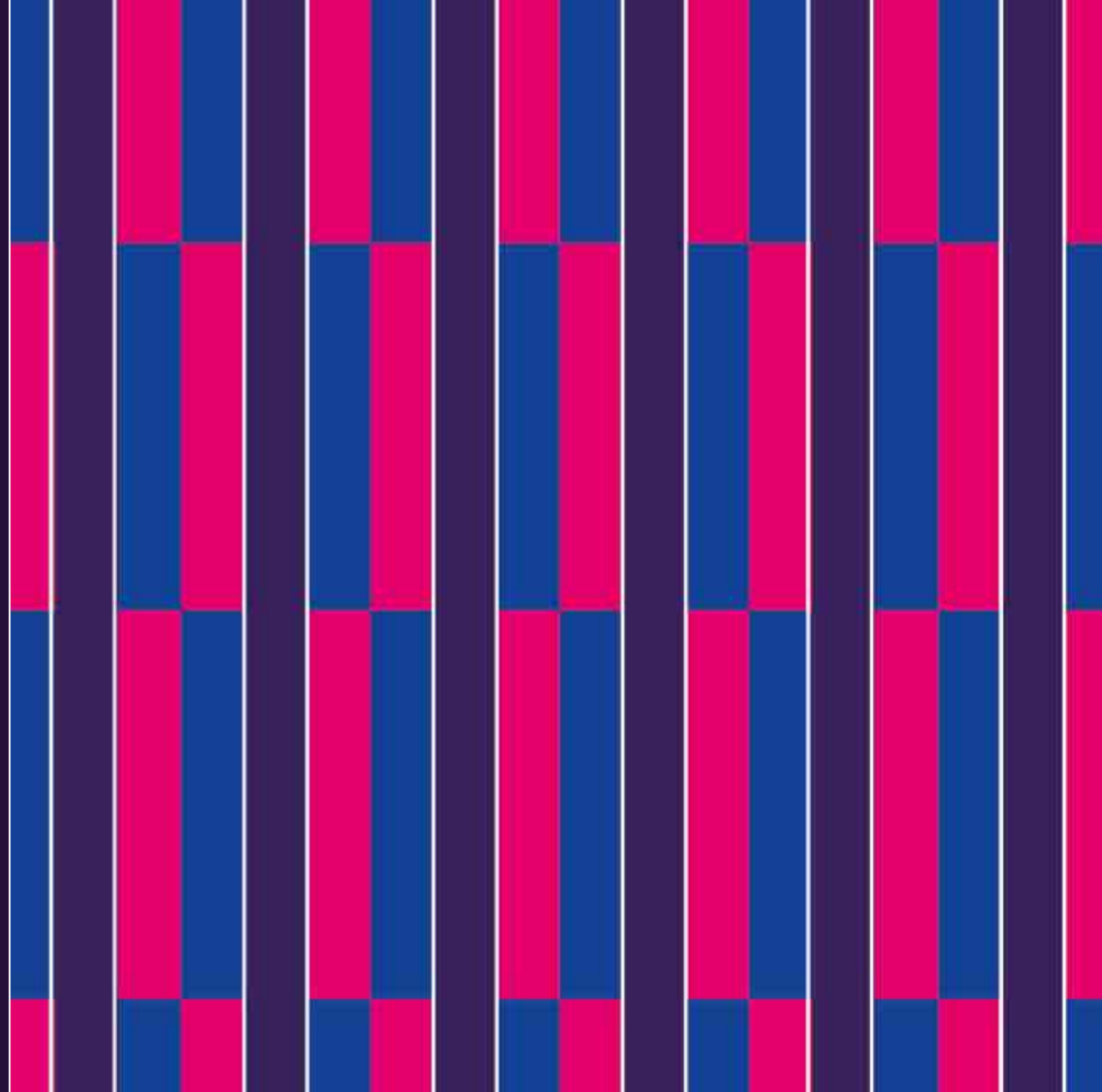
2021 - Apresentação virtual para as Fábricas de Cultura do município de São Paulo.

CONEXÕES

Conexsou

Conexsou um pouco de cada um que por mim passou
Conexsomos um muito de onde vamos
sempre fica um pouco do outro
sempre deixamos de nós um tanto

Giovanni Venturini



O Espetáculo “Conexões” iniciou-se a partir de uma conversa com Giovanni sobre minha vontade de coreografar/dançar um de seus poemas para uma coreografia com um cadeirante. Através da história que contei sobre este cadeirante, Giovanni escreveu o poema chamado “Leveza”. Gravamos sua voz recitando este poema e iniciamos uma coreografia com parte do elenco, para uma pesquisa de movimentos.

Pensamos em criar um espetáculo menor, para facilitar algumas de nossas questões de logística, ao mesmo tempo que pudéssemos desenvolver uma pesquisa sobre dramaturgia contemporânea, com a utilização da linguagem híbrida, que é característica da Circodança.

A princípio, teríamos somente quatro artistas presentes no palco. Ainda não tínhamos quem seria o diretor do espetáculo. Começamos criando uma performance a partir dos poemas de Giovanni. Convidei o Catito para a criação da trilha sonora. Ele relutou a princípio, pois, apesar de músico, não tinha composições próprias. Mas eu já o observava tocando seu ukulele, uma espécie de miniviola comumente utilizado na região do Havaí, e tinha certeza da imensa sensibilidade que ele possuía como artista.

Finalizamos a performance que, além dos textos de Giovanni e sonoridades de André Schulle, continha também coreografias minhas, de Beto, Wilson e Flavio. Apresentamos essa performance, que daria origem ao espetáculo “Conexões”, em alguns palcos, como SESC São Carlos e SESC Jundiaí, no interior; SESC Bertioga, no litoral, e SESC Poconé, no Pantanal. Por fim, nos apresentamos no SESC 24 de Maio, na capital paulista, em maio de 2018.

Foi a partir da apresentação do SESC 24 de Maio que surgiu a ideia de transformar a performance em um espetáculo. Veridiana e Samir, que nos acompanhavam, ficaram empolgados com a apresentação e, no retorno para suas casas, pararam na rodovia Raposo Tavares para me ligar. Quando atendi o telefone, ouvi: “Esta performance tem tudo para se tornar um ótimo espetáculo, mas, para isso, será necessária a supervisão de uma direção artística”. Marcamos de nos encontrar na mesma semana, quando concordamos que a pessoa mais indicada para realizar a direção do novo espetáculo seria nosso querido Ari, que já nos acompanhava desde o início da companhia profissional.

Formamos a equipe de criação do espetáculo “Conexões”: Samir concordou em criar a trilha sonora junto com Catito; Giovanni escreveu a dramaturgia, que contou ainda com alguns textos criados pelo André; Beto, Flavio, Wilson e eu criamos as coreografias; os figurinos foram criados em conjunto pela equipe; o cenário, a iluminação cênica e a direção ficaram a cargo do Ari.

Em quatro meses, tínhamos a estrutura do espetáculo pronta. Nesse momento, surgiu uma oportunidade de nos apresentarmos no SESC Presidente Prudente e aproveitamos para realizar um ensaio aberto do espetáculo. Para os que não estão acostumados a conviver com as criações artísticas, no momento em que as ideias saem do papel, é necessário realizar um ensaio sem pausas, como se fosse uma simulação da estreia. Esse é o ensaio aberto, no qual verificamos quais ajustes são necessários para que o espetáculo seja melhor realizado.

Com isso, após a realização do ensaio no SESC, tivemos a oportunidade de nos apresentar com parte do espetáculo, em dezembro de 2018, no Gala Circo, no Teatro Municipal de São Paulo. Estávamos todos animados para a estreia em 2019, quando recebemos a triste notícia do falecimento do Ari. Foi uma morte inesperada que chocou a todos nós.



Perdemos, ao mesmo tempo, um querido amigo e companheiro e a pessoa que realizava duas funções da companhia. Decidimos, em conjunto, estrear o espetáculo como uma homenagem póstuma a ele. Cinthia Beranek o substituiu na direção artística e Sylvie Laila Choffat na iluminação cênica. Realizamos um segundo ensaio aberto, com os ajustes propostos pelas novas profissionais que entraram na equipe, no Teatro de Contêiner Mugunzá, em 2019. Já tínhamos a data e o local de estreia previstos para 2020, quando o surto de covid-19 paralisou todas as atividades presenciais que não eram consideradas serviços essenciais.

Fomos premiados com a apresentação do ensaio aberto gravado no espaço da Cia. Mugunzá pelo edital Acessibilidança, da Funarte. Em seguida, recebemos o convite do SESC 24 de Maio para realizarmos uma websérie sobre o processo de construção do espetáculo “Conexões”. A websérie estreou em maio de 2021.

“Conexões” conta a história de um escritor em crise. Em cena, ao se deparar com objetos afetivos (como uma caixinha de música, um *mantón* e um violoncelo), aciona sua memória e dedica-se ao trabalho de escrever poesias através de conexões de seus pensamentos com os artistas que povoam sua mente criativa. Dez artistas (bailarinos e acrobatas) interpretam as cenas de seus pensamentos. Enquanto o escritor cria seu próprio universo, os personagens surgem em sua mente e apresentam performances para ele, tornando sua escrita cada vez mais criativa.













Ficha Técnica

Direção: Suzie Bianchi

Direção artística: Ari Buccione e Cinthia Beranek

Coordenação de produção: Suzie Bianchi e Igor Augustho

Roteiro: Giovanni Venturini, Veridiana Ravizza, Samil El Shaer, Cinthia Beranek, Ari Buccione, André Schulle e Suzie Bianchi

Músicas: André Schulle e Samir El Shaer

Poesias: Giovanni Venturini

Comicidade física: Marcelo Lujan, Filipe Bregantim, Fernando Sampaio e Fernando Paz

Coreógrafos: Alberto Jair Garcia, Wilson Odair Helvécio, Flavio Santos da Silva, Cinthia Beranek

Elenco: Paloma Nogueira Fonseca, Juliana Daibert Padula, Melina Gomes Mesquita, Wilson Helvecio, Flavio Santos da Silva, Alberto Garcia, Rafael Barbosa.

Assistente de palco: Luciana Diniz

Iluminação: Ary Buccione e Sylvie Laila

Som e projeto de imagens cênicas: Veri Ravizza e Samir El Shaer

Objetos cênicos: Ari Buccione e Samir El Shaer

Figurinos: Edinho

Fotógrafos: Paulo Barbuto

Histórico

2017 - Apresentação da performance no SESC Jundiaí, SESC Bertiooga, Ginásio do SESC de Poconé no Pantanal, SESC Registro, SESC Bom Retiro.

2018 - Apresentação no SESC 24 de Maio.

2019 - Apresentação no Teatro de Container Mugunzá, performance no Gala Circo, no Teatro Municipal de São Paulo.

2021 - Websérie no SESC 24 de Maio e apresentação virtual no Acessibilidança – Funarte.



Núcleo Circodança Alberto Garcia
André Schulle
Carlos Amorim
Cinthia Beranek
Flávio Santos da Silva
Giovanni Venturini
Juliana Daibert Padula
Luciana Diniz
Melina Gomes Mesquita
Paloma Nogueira Fonseca
Rafael Barbosa
Samir El Shaer
Suzie Bianchi
Sylvie Laila Choffat
Veri Ravizza
Wilson Helvécio

Produção Circodança Pomeiro Gestão Cultural
Líria Cultural
Igor Augustho
Lydia Arruda

Realização Cia. Circodança

REALIZAÇÃO

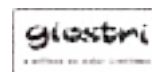


PATROCÍNIO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



Para receber nossas novidades envie e-mail para:
contato@glostrieditora.com.br